

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

JOCIETY ROCHA LOPES TENÓRIO

**DA ESCUTA PEDAGÓGICA À PERGUNTA FILOSÓFICA:
sobre ensinar e aprender filosofia no ensino médio
a partir de um paradigma hermenêutico**

Recife

2023

JOCIETY ROCHA LOPES TENÓRIO

**DA ESCUTA PEDAGÓGICA À PERGUNTA FILOSÓFICA:
sobre ensinar e aprender filosofia no ensino médio
a partir de um paradigma hermenêutico**

Dissertação apresentada como requisito parcial ao Mestrado Profissional em Filosofia (UFPR/Núcleo UFPE) à obtenção do título de mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291 T312d

T312d Tenório, Jociety Rocha Lopes.

Da escuta pedagógica à escuta filosófica : sobre ensinar e aprender
Filosofia no ensino médio a partir de um paradigma hermenêutico /
Jociety Rocha Lopes Tenório. – 2023.

73 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Recife, 2023. Inclui
referências e anexo.

1. Filosofia. 2. Filosofia – Estudo e ensino. 3. Filosofia (Ensino médio).
4. Hermenêutica. 5. Gadamer, Hans-Georg, 1900-2002. 6. Freire,
Paulo, 1921-1997. I. Costa, Marcos Roberto Nunes (Orientador). II.
Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2024-110)

JOCIETY ROCHA LOPES TENÓRIO

**DA ESCUTA PEDAGÓGICA À PERGUNTA FILOSÓFICA:
sobre ensinar e aprender filosofia no ensino médio
a partir de um paradigma hermenêutico**

Dissertação de Mestrado, na área de Concentração: Ensino de Filosofia, apresentado ao PROF-FILO, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 29 de novembro de 2023.

Prof. Dr. *Marcos Roberto Nunes Costa* (Orientador – UFPE)

Prof. Dr. *Gabriel Kafure da Rocha* (Avaliador Externo - IFSertão-PE)

Prof. Dr. *Sérgio Ricardo Vieira Ramos* (Avaliador Interno – UFPE)

Dedico este trabalho aos meus alunos, em especial aos alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Padre Francisco Correia, por me fazerem acreditar na educação como caminho para a emancipação humana.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ouvir minhas preces e me manter firme no caminho que desejei seguir.

Ao meu esposo Gilson, pela força e incentivo e por acreditar em mim, mesmo nos meus momentos de incertezas e dificuldades.

Ao meu orientador inicial professor Suzano Guimarães, que com muita paciência me incentivou a continuar e contribuiu com este trabalho com suas valiosas orientações, me levando a temática principal desta pesquisa e ao meu orientador final professor Marcos Nunes que me incentivou a retomada dessa pesquisa, sem o qual não teria a possibilidade de conclusão.

Aos meus alunos, que demonstraram interesse em contribuir com meu trabalho, mesmo com muitas limitações, impostas pelo momento de pandemia.

Aos meus colegas de mestrado, que contribuíram direta ou indiretamente com minha formação neste mestrado.

Aos professores do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), que proporcionaram a possibilidade de ampliação dos conhecimentos filosóficos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio institucional e financeiro.

“O diálogo é o encontro entre os homens,
mediatizados pelo mundo, para designá-lo.
Se ao dizer suas palavras,
ao chamar ao mundo, os homens o transformam,
o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual
os homens encontram seu significado enquanto homens;
o diálogo é, pois, uma necessidade existencial”
(Freire, 1980, p. 4).

RESUMO

Diante da necessidade de uma reflexão sobre o diálogo como questão primordial para a compreensão do processo educacional, que torna efetivos o ensino e a aprendizagem de filosofia no ensino médio, fez-se uma breve apresentação da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e de Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da autonomia*. Investigou-se que a perspectiva hermenêutica possibilita refletir sobre a importância do dialogar para a compreensão, de modo que em tempos de incapacidade para o diálogo é preciso repensar o ensino de Filosofia como uma disciplina que deve abrir-se ao constante processo dialógico com os educandos, para que estes ressignifiquem a realidade e sejam seus agentes transformadores, contribuindo com a fundamentação de uma educação pautada no crescimento mútuo e na construção de saberes significativos. Apresentou-se, assim, uma dupla dimensão: a) caracterizar a hermenêutica filosófica de Gadamer e a pedagogia de Freire a partir, respectivamente, das ideias de “diálogo” e de que “ensinar exige saber escutar”; b) bem como investigar tanto a “escuta pedagógica” docente quanto a “pergunta filosófica” discente, resultantes de uma intervenção pedagógica concebida conforme uma “situação de diálogo” e experimentada enquanto “aula de Filosofia” no ensino médio. A postura do educador deve abrir-se a fim de colocar-se na posição de escuta, porém também é no professor que reside uma dificuldade em manter firme a capacidade para o diálogo, sucumbida por alguns pela crença de poder falar, pois quanto mais consistente e articulado, mais imagina-se compreendido por seus alunos. Saber escutar faz parte do processo dialógico, o sujeito que fala deve oportunizar a voz daquele que escuta, controlar sua euforia em falar suas verdades. Na figura do professor, está no erro da cátedra ser o detentor do saber e, por sua vez, apenas querer “transmitir” conhecimentos.

Palavras-chave: Hermenêutica filosófica; Gadamer; Paulo Freire; Diálogo; Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

Given the need for reflection on dialogue as a primary issue for understanding the educational process that makes the teaching and learning of philosophy in high school effective, a brief presentation is made of the philosophical hermeneutics of Hans-Georg Gadamer and Paulo Freire in their work: *Pedagogy of Autonomy*. It is investigated that the hermeneutic perspective makes it possible to reflect on the importance of dialogue for understanding, so that in times of incapacity for dialogue it is necessary to rethink the teaching of philosophy as a discipline that must open itself to the constant dialogical process, with the students, so that they can reify reality and be its transformative agents, contributing to the foundation of an education based on mutual growth and the construction of significant knowledge. We thus present a double dimension: characterizing Gadamer's philosophical hermeneutics and Freire's pedagogy based, respectively, on the ideas of "dialogue" and that "teaching requires knowing how to listen"; as well as investigating both the teaching "pedagogical listening" and the student "philosophical question" resulting from a pedagogical intervention conceived according to a "dialogue situation" and experienced as a "philosophy class" in high school. The educator's stance must be open to placing himself in a listening position, however it is also in the teacher that there is a difficulty in maintaining firm the capacity for dialogue, succumbed by some, due to the belief of being able to speak and the more consistent and articulate, the more he imagines himself understood by his students. Knowing how to listen is part of the dialogical process, the subject who speaks must provide the voice of the one who listens, control his euphoria in speaking his truths, in the figure of the teacher, he is in the chair's error of being the holder of knowledge and in turn, just wanting to "transmit" knowledge.

Keywords: Philosophical hermeneutics; Gadamer; Paulo Freire; Dialogue; Teaching philosophy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E “PEDAGOGIA HERMENÊUTICA”	12
2.1	HANS-GEORG GADAMER: “A (IN)CAPACIDADE PARA O DIÁLOGO”	16
2.2	PAULO FREIRE: “ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR”	22
3	ENSINO DE FILOSOFIA COMO UM “PERGUNTAR FILOSÓFICO”	29
3.1	A INTENCIONALIDADE FILOSÓFICA.....	31
3.2	PAPEL DO EDUCADOR PARA ATINGIR O FILOSOFAR.....	33
4	DA ESCUTA PEDAGÓGICA À PERGUNTA FILOSÓFICA	46
4.1	INTERVENÇÃO	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	63
	ANEXO A - Intervenção de mestrado profissional em Filosofia	65

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia nasce do diálogo e isso se aplica também à Pedagogia. A crítica a uma sociedade que reflete as estruturas monológicas contemporâneas revela-nos a incapacidade para o diálogo. Faz-se importante um resgate do diálogo, pois a incapacidade para este, diz Cláudio Almir Dalbosco (2007, p. 68), “[...] volta-se contra a própria sociedade, uma vez que o diálogo é constitutivo da ação humana e tudo o que produzimos e significamos culturalmente brota dessa capacidade de dialogar com os outros e ouvi-los”.

Em sala de aula, assim como em qualquer relação interpessoal, o sucesso do diálogo reside na escuta ou no saber escutar, como afirma Paulo Freire (2002, p. 127): “[...] somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições, precise de falar a eles”. Ao mesmo tempo, filosofar é um ato de questionar, buscando explicações para suas inquietações, como podemos observar em Alejandro Cerletti (2009, p. 20): “O filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber). Isso pode sustentar-se tanto no interrogar-se do professor ou dos alunos”.

Assim sendo, perguntamos: as aulas de Filosofia, baseadas no diálogo, poderão oportunizar ao aluno uma elaboração de suas próprias perguntas filosóficas? Nosso objetivo geral é: a pesquisa apresenta uma dupla dimensão: a) caracterizar a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e a pedagogia de Paulo Freire a partir, respectivamente, das ideias de “diálogo” e de que “ensinar exige saber escutar”; b) bem como investigar tanto a “escuta pedagógica” docente quanto a “pergunta filosófica” discente, resultantes de intervenção pedagógica concebida conforme uma “situação de diálogo” e experimentada enquanto “aula de Filosofia” no ensino médio. Nossos objetivos específicos são: a) analisar a hermenêutica filosófica de Gadamer e a pedagogia filosófica de Paulo Freire, considerando o “diálogo” como elemento norteador do filosofar e do ensinar Filosofia; b) avaliar criticamente o sentido de um ensino de Filosofia como um perguntar filosófico; c) criticar os aspectos didático-filosóficos docente e discente resultantes de intervenção pedagógica concebida enquanto “situação de diálogo” e “questionamento filosófico”.

Com efeito, nossa intervenção ocorrerá a partir de uma sequência didática de quatro aulas (dependendo do tempo e se serão presenciais ou remotas): 1) aula expositiva sobre várias definições de Filosofia (dentre elas a de Saviani, por exemplo,

no livro *Filosofando*) como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta; 2) 2.1) aula expositiva sobre o método socrático, maiêutica, ironia, fazer perguntas etc.; 2.2) depois uma leitura coletiva (ou em duplas, com trechos de diálogos platônicos de Sócrates com sofistas; 2.3) Exercício para casa: pesquisar manchetes de jornal, memes, letras de músicas, trechos de poemas etc. que apareçam perguntas, das mais variadas vivências 3) 3.1) estudantes mostram os exemplos encontrados; 3.2) Em roda de conversa, discutir sobre os temas dessas perguntas, como elas foram feitas, se foram radicais ou não, se se relacionam com problemas existenciais e sociais que interessam aos estudantes, pedir para eles falarem sobre isso; 3.3) Discutir as diferenças entre perguntas filosóficas e perguntas de outros discursos, com exemplos de pergunta filosófica; 3.4) Finalizando a intervenção com uma atividade para casa: “dizendo sua própria palavra”, elaborarem por escrito e individual (ou em dupla), de uma pergunta, numa perspectiva filosófica, com mínimo de três linhas a partir da expectativa deles, de temáticas ligadas à existência, de contexto pessoal-biográfico e cultural; 4) Culminar os trabalhos com um lanche coletivo e exposição das questões propostas.

Nesse sentido, admitindo a linha de pesquisa “Filosofia e ensino” do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), o referencial teórico-metodológico desta investigação está baseado, a partir do paradigma hermenêutico, no pensamento de Gadamer e Freire, com o trabalho sendo realizado por meio de intervenção pedagógica e pesquisa bibliográfica. E sendo a Hermenêutica um modo de compreender o mundo e um paradigma filosófico que oferece bases para uma educação aberta a descobertas por meio da experiência e da compreensão do mundo, uma educação, tendo como base a Hermenêutica como interpretação da vida e do mundo na construção do conhecimento, acaba por ser uma crítica ao tipo de educação bancária já criticada por Paulo Freire (cf. Bertineti; Brun; Oliveira, 2023, p. 4).

2 HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E “PEDAGOGIA HERMENÊUTICA”

Etimologicamente, a palavra “Hermenêutica” vem do verbo grego *hermeneuein*, que significa “expor, expressar, traduzir, anunciar, interpretar, esclarecer”. É uma palavra proveniente da mitologia grega com o deus Hermes (mercúrio), filho de Zeus, mensageiro patrono da comunicação, aquele que traduzia e interpretava a mensagem dos deuses aos homens.

A Hermenêutica é tão antiga quanto a Filosofia, porém antes do século XIX era uma ciência ou uma área de estudo ligada à tradução dos textos bíblicos, de uma maneira interpretativa, que seria a Hermenêutica Teológica. Outra ramificação seria a Hermenêutica Jurídica, com a interpretação de leis, e a Hermenêutica Clássica, cujo desafio seria a compreensão dos textos gregos, entre outros, a partir da tradução e da interpretação da linguagem.

A Hermenêutica contemporânea amplia o campo de atuação, não somente nos textos escritos, mas inclui formas verbais e não verbais de comunicação. Alguns autores deram base à introdução da Hermenêutica contemporânea, dentre eles Friedrich Schleiermacher as principais vertentes, tornando uma teoria universal, inicia assim a reconstrução dessa compreensão, não como método, mas como algo intrínseco ao ser, tornando-a uma arte que principalmente decifra as ideias contidas num discurso, texto ou conversação, unificando assim o campo da Hermenêutica, assim citado:

A fundamentação da compreensão feita por Schleiermacher sobre a base do diálogo e do entendimento inter-humano significou no seu conjunto de aprofundamento dos fundamentos da hermenêutica, que, no entanto, acabou permitindo a edificação de um sistema científico com base hermenêutica. A hermenêutica tornou-se a base de todas as ciências históricas do espírito e não só da teologia. Desaparece então o pressuposto dogmático do caráter ‘paradigmático’ do texto, sob o qual a atividade hermenêutica, tanto a do teólogo como a do filólogo humanista (para não falar do jurista) tinha a função originária de mediação (Gadamer, 2011, p. 119-120).

Não podemos adentrar na Hermenêutica gadameriana sem antes fazer um contraponto com o autor que o inspirou: Martin Heidegger, enquanto aluno, aceita a concepção ontológica de seu professor como base para desenvolver a sua própria hermenêutica filosófica, filósofo e pensador contemporâneo com uma filosofia bastante rebuscada, trabalha com muitos conceitos, considerado um autor um pouco

complexo, relata em uma de suas obras mais reconhecidas: *Ser e tempo* (1927), elabora uma análise existencial a partir da fenomenologia sobre o Ser; as definições de Ser e Ente é algo importante para compreendermos as reflexões de Gadamer acerca da seu próprio método nas Ciências Humanas, interpretativa, de modo mais completo do que já foi estudado e conceituado anteriormente, esse estudo do “ser”, segundo Heidegger, um ser não se define a partir do seu sentido, pois ele é autônomo e indefinível. Ser e ente são conceitos diferentes, porém os dois se entrelaçam: o Ser é o fato de existir o ente, portanto anterior ao ente.

O Ente é tudo o que existe. Quando falamos nos referimos ao que somos, aquilo que se apresenta como um humano, um objeto. Porém, o Ser parte de uma análise da existência de um ente. O único ente que tem relação com o Ser é o humano, pois é o único que se projeta, que tem uma capacidade infinita de vir a ser

Daí pensarmos que o interesse da Hermenêutica de Heidegger teria um viés ontológico ligada interpretar o ser, e não o mais superficial, o ente, que seria papel dos cientistas, em entender aquilo que aparece. O homem consiste em um ser a ir um Dasein- da=aí Sein=Ser, aquele que se mostra e está presente, assim posto:

Em alemão, ‘*Daisen*’ pode significar ser humano, apesar de não ser a palavra comum para ser humano (*Mensch*). Heidegger prefere *Daisen* a *Mensch* para evitar conotações metafísicas inapropriadas associadas com ‘ser humano’... todos nós temos um modo de ser que é ‘*Daisen*’ e este modo de ser é próprio a mim, mas não no sentido de que eu sou outra coisa, uma substância ou sujeito, que tem o modo de ser *Dasein*. Eu também não sou um indivíduo visto de fora [...]. O como do ser é nosso modo de viver. Ele pode ser desperto no sentido de estar consciente deste modo de ser, ou ele pode não percebê-lo, como se dormisse pela vida (Schmidt, 2014, p. 82).

Apesar de algumas vezes Gadamer estar completamente influenciado pelos ensinamentos do mestre, ele se diferencia da Filosofia hermenêutica de Heidegger, já por meio da adjetivação do termo “Filosofia hermenêutica” em “Hermenêutica filosófica”, como afirma:

Nessa formulação Gadamer abre-nos o cerne de sua convicção filosófica. Porque ao invés de utilizar-se do termo ‘filosofia hermenêutica’ – como seria de esperar na continuidade do pensamento de Martin Heidegger –, o contraponto à expectativa da época, já que adscrive à hermenêutica o ser sujeito da expressão, juntando-lhe, na predicação, o adjetivo ‘filosófica’ (Flickinger, 2010, p. 55).

Gadamer discute a natureza da interpretação, os preconceitos que influenciam nossa compreensão, a fusão de horizontes entre o leitor e o autor, e a importância da tradição na interpretação de textos. Seu livro é considerado uma das obras fundamentais da hermenêutica contemporânea e influenciou significativamente o pensamento filosófico e literário.

A abordagem da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer se baseia na ideia de que a compreensão não é um processo neutro ou objetivo, mas sim um diálogo interpretativo entre o leitor e o texto. Gadamer enfatiza a importância dos preconceitos e da tradição na interpretação, argumentando que não podemos nos livrar completamente de nossos próprios pressupostos ao tentar compreender um texto ou uma obra de arte.

Além disso, Gadamer destaca a importância da fusão de horizontes, ou seja, da interação entre o horizonte de expectativas do leitor e o horizonte de significado do texto. Para Gadamer, a compreensão não é um ato solitário, mas sim um processo dialógico no qual o leitor e o texto se encontram e se influenciam mutuamente.

Essa abordagem hermenêutica de Gadamer ressalta a natureza interpretativa e contextual da compreensão, destacando a importância da linguagem, da tradição e da historicidade na interpretação de textos e na construção do conhecimento.

Gadamer discute a natureza da interpretação, os preconceitos que influenciam nossa compreensão, a fusão de horizontes entre o leitor e o autor, e a importância da tradição na interpretação de textos. O livro *Verdade e Método* é considerado uma das obras fundamentais da hermenêutica contemporânea e influenciou significativamente o pensamento filosófico e literário.

Para Gadamer, a tradição desempenha um papel fundamental na compreensão e interpretação de textos. Gadamer argumenta que estamos sempre inseridos em uma tradição cultural e histórica que molda nossa visão de mundo e influencia nossa compreensão dos textos que lemos.

Segundo Gadamer, a tradição não deve ser vista como um obstáculo à compreensão, mas sim como um recurso que enriquece nossa interpretação. A tradição fornece o contexto e os pressupostos necessários para a compreensão de um texto, pois é por meio dela que adquirimos um conjunto de referências e significados compartilhados que nos permitem interpretar de maneira adequada.

Além disso, Gadamer destaca que a tradição não é algo estático, mas sim um processo dinâmico de transmissão e renovação do conhecimento. Ao dialogar com a

tradição, o leitor não apenas recebe conhecimento do passado, mas também contribui para a sua interpretação e atualização no presente.

Dessa forma, a importância da tradição na hermenêutica de Gadamer reside no reconhecimento de que a compreensão não ocorre em um vácuo, mas sim dentro de um contexto cultural e histórico que molda nossa interpretação e nos conecta com as gerações passadas.

Epistemologicamente, toda visão de mundo é linguística, sendo, portanto, construída de forma ideológica. Nenhuma verdade é mais verdade que outra, não existe a verdade pura, o que existe é o conceito da ideologização da verdade, razão dos erros cognitivos, interpretativos. O mundo linguístico é permeado de comunicação.

Gadamer (2011), apresenta uma visão de linguagem e da hermenêutica, e essa passa a fazer parte de qualquer processo de compreensão e interpretação, passando a ser a própria práxis e arte de compreender e tornar compreensível, ampliando o leque de sua aplicabilidade à educação. Sendo assim, a Pedagogia e a Filosofia se entrelaçam buscando o que há de comum em ambas: a possibilidade de utilizar o diálogo como maneira de atingir o conhecimento. Tal feito retira da Filosofia o aspecto de superioridade, devido ao título de primeira ciência, desde a metafísica. Deve-se isso também ao processo de globalização (cf. Dalbosco, 2007, p. 28), que transpassa a rigidez das fronteiras, entre as nações, raças, credos e culturas. Metaforizando Kant em sua *Crítica à razão pura* em Hans-Georg Gadamer (cf. 2011, p. 96), isto é, a crítica da capacidade do homem adquirir conhecimento, a partir de meros conceitos, colocando a pedagogia sendo uma ilha banhada ao oceano da Filosofia:

No nosso caso comparemos a pedagogia com a ilha e a filosofia com o oceano: a pedagogia para manter-se na terra firme da experiência, pode querer evitar a nebulosidade e o ofuscamento gerado pela extensão do oceano, mas ao fazer isso, ela paga o preço de ter que se limitar aos domínios da ilha, não podendo experimentar a sensação provocada ao navegar pelo oceano e sem jamais poder descobrir o que está do outro lado do além-mar (Dalbosco, 2007, p. 29).

Hans-Georg Gadamer (2011) afastou as razões próprias da fenomenologia, de algo mais pontual, proveniente dos conceitos científicos. Analisou a contradição do iluminismo e fez uma releitura da questão entre tradição e razão, afirmando o autor que tal oposição não representa a verdadeira essência da hermenêutica filosófica. A essência do ser não está no mundo físico nem metafísico, ou na natureza, ela está

além do que se mostra, na interpretação, na decifração das ideias, registradas em discursos, escritos ou falados. A razão não consegue por si mesma apagar as heranças, os preconceitos e as marcas do passado. Vemos que tradição é, em Gadamer, um elemento fundamental para compreendermos a sua Hermenêutica filosófica. Ainda dos resquícios da influência de Heidegger como elemento essencial da tradição de sua Hermenêutica filosófica, pois essa nos leva a refletir sobre a nossa existência enquanto Ser no Mundo. Não podemos ignorar essa ligação com o passado, pois assim fazemos a conexão com o presente e o futuro.

As Ciências Humanas não necessitam de cientificismos, de métodos que são utilizados nas Ciências Naturais. Para Gadamer, a compreensão é um modo de ser, um modo como somos. Nós lidamos com o mundo interpretando-o, não é uma técnica, é um modo de ser. Então a Hermenêutica surge como uma técnica, mas ela se desenvolve como Filosofia em Gadamer, com o conceito de compreensão como universal. A ideia de linguagem é o diálogo, algo que podemos fazer uma troca de experiência que é permanente. Uma constante abertura para novas possibilidades. Nós somos compreensão, nós existimos interpretando, compreendendo. Ao contrário das Ciências Naturais que estabelecem métodos, que estabelecem certa previsão do conhecimento, exatidão. Nas Ciências Humanas, a compreensão tem características práticas, ela se limita ao enfrentamento das realidades, do discurso; a compreensão não pode ser encarada como método. Não há manual para compreender a arte, a história e a linguagem.

2.1 HANS-GEORG GADAMER: “A (IN)CAPACIDADE PARA O DIÁLOGO”

A incapacidade para o diálogo discutido em Hans-Georg Gadamer é hoje um desafio da atualidade que se aplica a todas as esferas. A crítica a uma sociedade que reflete as estruturas monológicas contemporâneas, revela-nos a incapacidade para o diálogo. Faz-se importante um resgate do diálogo, pois a incapacidade para ele “[...] volta-se contra a própria sociedade, uma vez que o diálogo é constitutivo da ação humana e tudo o que produzimos e significamos culturalmente brota dessa capacidade de dialogar com os outros e ouvi-los” (Dalbosco, 2007, p. 68).

Em *Verdade e Método II*, Gadamer (2011), no capítulo que leva o título “A incapacidade para o diálogo”, faz uma análise das relações dialógicas modernas e cita alguns exemplos da redução da capacidade de interagir, que acontece

gradativamente na sociedade vigente, tornou-se comum mantermos longas conversas por telefone que quase não nos damos conta do empobrecimento comunicativo que se dá na convivência com as pessoas que se encontram ao nosso lado”.

Assim como o desaparecimento da carta, da correspondência, que se tornou retrógrada, também se tornaram obsoletos os grandes escritores epistolares. Ainda em Gadamer (2011) as técnicas modernas de informação têm tornado cada vez mais escassas as relações interpessoais. Porém, temos assistido gradativamente as mudanças na sociedade e nas formas de comunicação modernas, tem fragilizado o diálogo, assim como defendido por Gadamer, no contato visual e material.

A capacidade para o diálogo é um atributo natural do homem, Aristóteles definiu o homem como um ser que possui linguagem, e linguagem apenas se dá no diálogo. Mesmo que a linguagem possa ser codificada e encontrar uma relativa fixação no dicionário, na gramática, na literatura, sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuramento até elevadas formas estatísticas da arte literária, tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os seus interlocutores. A linguagem apenas se dá no diálogo (Gadamer, 2011, p. 243).

Esse diálogo sendo produto do encontro de dois mundos, entre pessoas que mesmo em contrapontos se compreendem por experimentarem algo de novo na experiência com o outro. O diálogo transforma as pessoas, aproxima, leva a descobertas, eleva o senso crítico. A própria filosofia de Platão, com seus diálogos socráticos, confirma-nos a importância de aprendermos algo em meio a diferentes pontos de vista, a reflexão e discussão de nossas percepções, a indagações de nossas convicções e preconceitos.

Podemos trazer isso para a realidade atual da relação entre professor e aluno, onde está a raiz da incapacidade dialógica entre os pares, porém de maneira empírica, por meio da observação. Segundo Gadamer (cf. 2011, p. 248), a incapacidade para dialogar dá-se principalmente por parte do professor, sendo ele o autêntico transmissor da ciência. Essa incapacidade se estrutura nos monólogos da ciência moderna e da formação teórica.

Cabe aí também questionar que métodos ou metodologias pedagógicas são adotados pelos docentes: existe um método que pode ser observado? Alguns educadores não percebem o diálogo como método, pois o próprio fazer pedagógico já delimita uma prática recorrente da reflexão sobre as ações, mesmo que algumas sejam bem automáticas, devido à experiência repetida cotidianamente. Nos

deparamos com práticas tradicionais, mantidas pelo saber fazer e pela autossuficiência dos educadores com uma repetição mecânica do seu fazer, e isso prova em pedagogia filosófica que:

O que fica confirmado, diante disso, é que a espontaneidade fragmentária e assistemática que caracteriza o fazer pedagógico cotidiano em sala de aula não conduz à necessária e saudável capacidade criativa dos envolvidos, mas sim à repetição mecânica e vazia do conteúdo de ensino. Portanto, espontaneidade do fazer pedagógico, no sentido em que se contrapõe a uma perspectiva metódica de caráter sistemático, leva ao mecanismo e não à criatividade (Dalbosco, 2007, p. 67).

Gadamer (2011), não culpa somente o professor pela incapacidade dialógica, mas todos os envolvidos nesse processo, pois essa carência pode ser generalizada para diversos outros contextos sociais. Por tudo isso também rejeita a exigência de um rigor metodológico, de um método, pois para ele seria incompatível com a sua hermenêutica filosófica. Afirma que a experiência humana da compreensão não pode ser observada e muito menos descrita nos moldes esquemáticos de um processo instrumental, porém concebe a hermenêutica como procedimento, constituído pelo diálogo, que vincula método e diálogo, não no sentido positivista, mas com rigor dialógico.

Gadamer (2011), apoia sua Hermenêutica no diálogo com duas vertentes: uma de ordem sistemática e outra histórica, sendo a base histórica baseada na Filosofia socrática, onde a maiêutica amplia a possibilidade do exercício filosófico. Admirador dos diálogos socráticos, faz referência a seu método como algo que complementa as relações de êxito na própria sociedade.

Sobre as relações dialógicas contemporâneas, ainda em Cláudio Almir Dalbosco (cf. 2007, p. 68), é refletido sobre o desenvolvimento técnico-científico que quanto mais se amplia, mais se distancia as pessoas do diálogo, e isso volta-se contra a sociedade, pois toda compreensão humana advém da interação, essa por meio da conversa, no seu mais primitivo sentido, entre duas ou mais pessoas, olhando nos olhos e debatendo ideias, conjecturas. Gadamer tenta o resgate do diálogo para o núcleo das Ciências Humanas, uma vez que o fazer pedagógico, a Pedagogia é invadida pelas técnicas. Todos os dias recebemos uma avalanche de informações, no entanto somos ainda incapazes de dialogar. Há necessidade de constante adaptação humana às informações que são veiculadas a partir dos mais variados instrumentos tecnológicos de comunicação, porém como afirma Dalbosco (2007), quanto mais

recebemos informações, mais temos dificuldade em assimilá-las e nessa passividade nos tornamos apáticos para escutar o outro, ouvir as pessoas, algo cada vez mais escasso, o que para Gadamer dificulta a capacidade para o diálogo.

Gadamer faz um diagnóstico da sociedade quanto à incapacidade para dialogar, que se apresenta principalmente pela escassez do ouvir o outro, de interagir com ele num processo de escuta. Faz referência à ideia de monólogo, de isolamento, salientando que o diálogo possui algumas características, a primeira delas sendo a dimensão intersubjetiva, em que os sujeitos são levados a interagir. Outra característica seria tirar as pessoas da mesmice gerada pela padronização tecnológica, provocando algo novo dentro dos envolvidos, deixando-nos conduzir sem pressa, sem imposição, levando-nos para direções imprevisíveis. A terceira característica seria resgatar a atitude de escuta e silêncio, a importância de escutar o outro torna-se necessária diante da pressa incessante na atualidade em obter informações que circulam livremente e numa velocidade inalcançável.

O resgate, em nosso fazer cotidiano, da atitude de escutar o outro se torna urgente, contra a pressa que a circulação fantástica de informações nos impõe. Por último um diálogo intersubjetivo e inovador construído a partir da capacidade humana de silenciar e escutar, deve desaguar na amizade, como excelência a coroar as relações humanas. Gadamer irá sustentar, nesse contexto, a tese aristotélica de que o homem feliz é aquele que sente necessidade de amigos (Dalbosco, 2007, p. 67).

Gadamer vincula o diálogo ao próprio método, sendo contrário ao sentido positivista, e identifica dentre os vários tipos de diálogos alguns que merecem destaque: como o diálogo pedagógico, o confidencial, a negociação oral, o diálogo terapêutico. Faremos, a seguir, uma breve conceituação sobre os diálogos analisados, em Gadamer. Primeiro explicitando, tal qual em Gadamer (2011, p. 247):

O que é o diálogo? De certo com isso, pensamos num processo entre pessoas, que, apesar de toda sua amplitude e infinitude potencial, possui uma unidade própria e um âmbito fechado. Só no diálogo (no ir juntos) que funciona o entendimento tácito, que os amigos se encontram e constroem uma comunhão em que ambos deixam no outro uma marca de si, continuando sendo eles mesmos.

Nesses termos, sem querer adentrar em questões mais profundas do diálogo, o autor nos apresenta alguns tipos de diálogos que permeiam nosso cotidiano como não mais importante, mas muito pertinente ao nosso contexto:

- **Diálogo pedagógico:** trata-se da relação interativa que ocorre entre os envolvidos no processo educativo, professor e aluno, tendo o diálogo como instrumento fundamental para a formação dos indivíduos. Percebemos neste também a incapacidade para sua efetiva execução, por parte do educador, que se configura como agente principal do processo, contudo envolvendo os demais agentes. No educador encontramos a dificuldade em manter-se capaz para o diálogo, uma vez que aquele que tem que ensinar acredita que por poder falar, mais eloquente, consistente e articulado, seja esse o caminho para uma melhor interação com seus alunos; é o que Gadamer chama de “perigo da cátedra”. O professor, muitas vezes se depara com debates, sendo esses unilaterais e confunde isso com diálogo. Não podemos falar em diálogo pedagógico sem inserir o fazer pedagógico, há muito encharcado de técnicas e grande número de informações que mecanizam as relações, tornando-nos incapazes para o diálogo.

A incapacidade para dialogar dá-se principalmente, por parte do professor, e sendo o professor o autêntico transmissor da ciência essa incapacidade radicaliza-se na estrutura de monólogo da ciência moderna e da formação teórica...Por fim, na situação de ensino quando esta ultrapassa a intimidade de um pequeno círculo, reside uma dificuldade intransponível para o diálogo (Gadamer, 2011, p. 248-249).

- **Diálogo confidencial ou diálogo não vivido:** trata-se daquele não exigido pelos outros, que o afasta da interação com o outro, é o tipo de diálogo que silencia, que lhe torna passivo diante da vida, que culmina no objetivo dos instrumentos e aparelhos tecnológicos de comunicação, reportando-se ao positivismo, da neutralidade científica, exigida cada vez mais na atualidade. É caracterizado pela impessoalidade, no distanciamento do eu com o outro, se colocando na posição de mero espectador, sempre fora da situação:

Gadamer associa o diálogo não vivido ao comportamento que o desenvolvimento técnico-científico passa a exigir cada vez mais do homem contemporâneo. Aquele ideal de neutralidade e de distanciamento reivindicado pela episteme moderna, que exigia do cientista uma postura de calculabilidade e de frieza diante dos fatos observados, culminando também na indiferença no tocante aos problemas sociais e ao relacionamento entre as pessoas, passa a ser constitutivo do próprio diálogo humano em sentido mais amplo (Dalbosco, 2007, p. 70).

- **Diálogo como negociação oral:** trata-se de mais uma forma deficiente de diálogo cujo objetivo é a troca ou o intercâmbio entre as pessoas, “[...] o problema do diálogo como negociação oral na sociedade capitalista, altamente dominada pela técnica, é que ele assume a troca no sentido capitalista, passando a ser um comércio, uma mercadoria” (Dalbosco, 2007, p. 71). Esse tipo de diálogo se encerra em acordos comerciais, recebendo uma reflexiva crítica por Gadamer, há necessidade, por um lado, de se criticar essa mercantilização do diálogo e, por outro lado, de recuperar seu sentido humano, não como mercadoria, mas o sentido de conseguir convergir os interesses a partir do ouvir:

Nesse sentido, no próprio diálogo de negócios confirma-se a definição geral de diálogo, segundo o qual para se poder dialogar é preciso saber ouvir. O encontro com o outro eleva-se assim acima da própria limitação, mesmo onde o que está em questão são apenas dólares ou interesses de poder (Gadamer, 2011, p. 249).

- **Diálogo terapêutico:** trata-se, como o próprio nome já sinaliza, do diálogo que está intimamente ligado à Psicanálise, relação dialógica entre paciente e terapeuta. Nessa situação, a prática dialógica fica impossibilitada de um curso natural, pois existe um estado patológico, onde o doente perde a capacidade de ouvir o outro e precisa recuperar a capacidade de falar, colocando-se em posição de confissão, buscando no outro sua cura. A proposta é curar a incapacidade de diálogo. Nesse cenário também se configuram as tendências da modernidade positivista, que se adaptam a relações monológicas. Nesse contexto, a cura se dá quando o paciente percebe que precisa superar seus bloqueios se reabilitando por meio do diálogo. Sendo assim, ambos devem interagir, um demonstrando confiança em se abrir ao outro, e o terapeuta que em sua escuta resgata a capacidade de diálogo e cura. Assim, o específico no “[...] diálogo terapêutico psicanalítico, é pois, que se propõe curar a incapacidade para o diálogo, que se constitui aqui a própria enfermidade” (Dalbosco, 2007, p. 73).

Gadamer adota o modelo dialético platônico como base para justificar a estrutura especulativo-dialógica da linguagem. Afirma que a linguagem é o caminho para que os interlocutores encontrem entendimento sobre as temáticas em questão. R. Cruz (*apud* Gadamer, 2010, p. 48) ainda encontra na dialética platônica, na

dualidade pergunta e resposta, o caminho para a compreensão, uma vez que para Gadamer a conversação é um atributo natural do ser humano. Portanto, a linguagem, sendo característica principal do ser humano, condiciona-se ao diálogo; é nele que deixamos no outro algo de nós, assim como também absorvemos um pouco do outro em nós. Percebemos que Gadamer almejava que as Ciências Modernas se baseassem também na ética dialética de Platão, corrigindo a concepção científica de dominação unilateral do mundo pelo sujeito (cf. Flickinger *apud* Gadamer, 2010, p. 92). A Hermenêutica filosófica pleiteia em favor de uma razão que se constitua por meio do diálogo; uma tese que subjaz às investigações de Gadamer sobre a “ética dialética de Platão”. A Filosofia primeira para Gadamer é a Hermenêutica, ou seja, quando se faz Filosofia se faz Hermenêutica e isso se faz pelo diálogo.

2.2 PAULO FREIRE: “ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR”

Em sala de aula, assim como em qualquer relação interpessoal, o sucesso do diálogo reside na escuta ou no saber escutar, como afirma Paulo Freire (cf. 2002, p. 127): “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições, precise de falar a eles”.

Saber escutar faz parte do processo dialógico. O sujeito que fala deve oportunizar a voz daquele que escuta, controlar sua euforia em falar suas verdades. Na figura do professor, está o erro da cátedra de ser o detentor do saber e, por sua vez, apenas querer “transmitir” conhecimentos. Nesses termos, profere Freire (cf. 2002, p. 131): “É preciso quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado”.

Enquanto educadores, nos deparamos muitas vezes com aulas expositivas, monológicas, nas quais os estudantes permanecem atônitos e em silêncio ou em conversas aleatórias com os colegas, sem ao menos atentar para o conteúdo da aula, sem a interação necessária para se construir um entendimento, sem questionamentos, sem diálogo. A crítica a essa educação bancária, tão difundida por Freire, parece ainda fazer parte do processo de ensino daqueles que não entenderam que a aprendizagem acontece por meio das relações, dos debates, da *doxa* para a *episteme*.

Não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles...o que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar é falar impositivamente (Freire, 2002, p. 127-128).

A citação acima esclarece o pensamento freiriano sobre educação democrática e assemelha-se ao diálogo hermenêutico defendido por Gadamer como princípio das relações pedagógicas, permitindo “[...] à educação fazer valer a polissemia dos discursos e criar um espaço de compreensão mútua entre os envolvidos” (cf. Bertineti; Brun; Oliveira *apud* Freire, 2023, p. 4). Os autores também pontuam, que num verdadeiro diálogo não há supremacia entre os pares, todos se relacionam igualmente, cada um contribuindo com a aprendizagem do outro, sendo a educação o lugar do diálogo por excelência, é lugar de reflexão, de palavras, de relações, isso ultrapassa a apreensão do conhecimento, conduzindo os envolvidos em sua própria formação. Nessa perspectiva dialógica, onde circula a palavra, também circula a pergunta, que desde a iniciação da Filosofia possui lugar de destaque na construção do conhecimento, que conduz à investigação, à busca pela verdade, à construção dos saberes e ao reconhecimento dos limites da própria ignorância, parafraseando Sócrates.

Ao relacionarmos a Pedagogia com a Filosofia, buscamos em seus conceitos a ponte para uma interpretação mais firme, empírica e reflexiva, que envolve a própria prática educativa sendo um processo interativo, espontâneo e assistemático entre as pessoas, resultando no ensino e na aprendizagem, não se limitando somente ao processo sistemático e curricular, como enfatiza Cláudio Almir Dalbosco (2007, p. 30): “[...] desse modo, podemos dizer que a educação é um processo dialógico-interativo amplo que ocorre, por exemplo, na relação entre pais e filhos, entre grupos de convivência e de trabalho”. No entanto, devemos nos delimitar nas relações que envolvem a Pedagogia no âmbito do fazer pedagógico, no campo das teorias educativas contrapondo teoria e prática, que assume o embasamento filosófico para essas teorias, levando a racionalidade dos procedimentos pedagógicos, citado em:

Disso resultaria, então, uma relação assimétrica e vertical, entre ambas, uma vez que a filosofia, assumindo a posição de *prima ciência*, ofereceria a base conceitual e os fundamentos para as teorias educativas, refletindo, sobre a racionalidade dos seus procedimentos (Dalbosco, 2007, p. 41).

Encontramos na figura do professor o transmissor do conhecimento. Todavia, é nele também que percebemos a dicotomia sobre o verdadeiro diálogo, devido às estruturas monológicas da Ciência Moderna e da sua formação teórica. Por ser o detentor do saber, ele mantém seus monólogos de horas, sem se dar conta da necessidade de escutar, também retratada no subtítulo intitulado: “Ensinar exige saber escutar”, em *Pedagogia do oprimido*, onde Freire se coloca no lugar de educador demonstrando a importância de escutar o educando, de se colocar disponível para o diálogo. É escutando o outro que compreendo o mundo, numa relação dialógica, onde quem fala dá voz a quem escuta.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar, do ponto de vista das ideias (Freire, 2002, p. 135).

A postura do educador idealizada em Freire é também demonstrada em Gadamer (2011), quando coloca que o educador deve colocar-se na posição de escuta, porém reconhecendo também nele uma dicotomia, pois na prática do professor reside uma dificuldade em manter firme a capacidade para o diálogo, sucumbida por alguns, pela crença de poder falar e quanto mais consistente e articulado, mais se imagina compreendido por seus alunos.

A Hermenêutica, enquanto paradigma filosófico, oferece à educação bases para a descoberta por meio da experiência e da compreensão do mundo. Interliga-se assim à crítica sobre a educação bancária tão difundida por Paulo Freire, pois ela foge dos métodos científicos e passa a ser uma forma de desvendar a realidade, inserindo-se no contexto de forma interpretativa, reflexiva, não se baseando em verdades absolutas, pois o tempo também é aliado da interpretação, existindo diversas formas de se conhecer a realidade, inserindo-se em diversas realidades, acumulando compreensões diversas e não objetivas.

Daí uma razão para, nesta pesquisa, trazermos esses dois autores, para enfatizarmos que a Hermenêutica é algo natural para a educação, sendo que educar é se fazer ouvir e escutar, assim compreender-se mutuamente. A Hermenêutica

enquanto “método” se baseia no diálogo, ou seja, é a própria práxis que acontece na interação com o outro por meio da linguagem. Gadamer afirma que, numa conversa, não podemos saber previamente os resultados de um tema ou de um objeto de estudo. É no processo que se constitui a aprendizagem. É, portanto, a ação dialógica que em Freire é o grande diferencial para a construção do conhecimento. Podemos afirmar que isso seja algo de difícil aceitação, pois na prática teremos que nos despojar de métodos e de prévias conceituações e ou preconceitos. Para Gadamer, entrarmos num diálogo sem saber como será o resultado, deixamo-nos levar pelo improvisado. Do ponto de vista hermenêutico, é muito produtivo, pois é no processo que vai se constituindo o conhecimento. Flickinger (2010) ainda reitera que a linguagem e o diálogo são os meios por excelência que possibilitam a experiência hermenêutica, pressupõe a natural disposição de ouvir o outro, de prestar atenção ao que o outro quer dizer-me e que desafia a minha compreensão.

Paulo Freire (2002, p. 153) enfatiza que ensinar exige disponibilidade para o diálogo:

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários a prática educativa...a razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo.

É basilar para a educação a implantação da hermenêutica como paradigma filosófico, pois possibilita a aquisição do conhecimento por meio do diálogo, democratizando as relações com o exercício dialógico que perpassa também a formação docente, permitindo uma reflexão do agir pedagógico. Nessa perspectiva, a educação vai em busca de verdades que estão além do que pode ser visto, demonstrado.

A Hermenêutica estimula o processo de construção do conhecimento pelo diálogo, pelas relações, o saber não mais como algo objetivado, mas estruturado na linguagem, na comunicação entre os pares. A busca do conhecimento se dá a partir de análises e interpretações, que não objetivam encontrar verdades absolutas. Existem diversos caminhos que nos levam ao conhecimento, mas como toda interpretação, está passível de erros e opiniões prévias, os preconceitos.

Preconceitos não como algo relacionado ao termo de forma negativa, como discriminação. O preconceito em Gadamer seria as considerações ligadas à existência humana, ou seja, enquanto pessoas somos constituídos de abertura

relacional. Estamos dispostos ao diálogo com o outro, de educação o modo como fomos educados, a temporalidade, de acordo com o tempo e espaço que nos inserimos e os valores que determinam o nosso modo de vida, essas estruturas nos levam ao processo de compreensão do que nos apresentam. Deve ser levado em conta tudo que é constituído em nossa formação e tradição. Preconceito diferente daquele defendido pelo Iluminismo, de agarrar-se a concepções prévias e não tirar de si, em Gadamer preconceito se constitui das estruturas que nossa formação nos limita a interagir com algo, a partir da nossa bagagem de mundo.

O choque de mundo num processo crítico de reflexão e diálogo nos leva a perceber até que ponto as nossas informações do mundo determinam a nossa compreensão sobre ele. Sendo um processo natural, humano, fazemos a mediação daquilo que já conhecemos com as coisas que estamos abertos a conhecer, compreendendo até que ponto somos condicionados pelos nossos preconceitos e permitindo-nos ampliar nossa visão hermenêutica que impacta nossa realidade.

Portanto, não se discute uma verdade absoluta na Hermenêutica, pois ela não se apropria de métodos para desvelar as verdades. Nela o diálogo é a própria razão, a compreensão intrínseca no fazer pedagógico. Os sujeitos inseridos nesse contexto devem estar abertos e receptivos para interpretar a partir da realidade que se encontra, transformando-a por meio da compreensão e da interpretação do seu contexto. Assim, em Bertineti, Brun e Oliveira (2023, p. 4): “[...] a hermenêutica se opõe ao mito do objetivismo, para ela não existe uma verdade objetiva, existe sim, o fenômeno de compreensão”.

Nessa relação entre educação e paradigma filosófico, tendo a Hermenêutica como centro do processo interpretativo, a Pedagogia crítica de Paulo Freire encontra respaldo para oportunizar a compreensão individual e a formação crítica a partir da dialética, confrontando suas crenças, medos, ideologias, dialogando e compreendendo o outro num processo mútuo de construção do conhecimento.

Podemos perceber o quanto a Hermenêutica é algo intrínseco na Pedagogia de Freire, citando a sua recorrente problematização de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Em suas obras, os temas filosóficos abordados citam Heidegger, Gadamer, Paul Ricoeur, que vincula Freire à Fenomenologia e à Hermenêutica. No dicionário freiriano o verbete “Hermenêutica” encontra como teoria da compreensão um lugar de pressuposto basilar em suas obras encontrados em *Dicionário Paulo Freire* (2018, p. 256).

Enquanto teoria geral da interpretação, a Hermenêutica encontra na questão da compreensão um dos seus núcleos conceituais e ela opera como um pressuposto básico nos escritos e no pensamento de Freire. Pois a Hermenêutica considera que todo o processo de compreensão da realidade é uma forma de compreensão. Em Freire a experiência da compreensão se dá pelas circunstâncias da leitura da realidade, da compreensão de mundo, que leva o homem a perceber a si próprio como o sujeito da sua história, interpretar essa realidade, ou seja, fazer a leitura de mundo seria manter-se como intérprete, vinculando a sua bagagem cultural, atrelada à tradição, atuando como sujeito da história. Para a realização dessa leitura, o homem compreende o mundo desde a linguagem até o seu modo de atuar, a sua existência. Ler o mundo como condição para ler a palavra. E essa condição de aprender a ler o mundo como condição para ler a palavra se dá por meio da linguagem.

A Hermenêutica ligada à educação soma a oportunidade de utilizar o diálogo e a reflexão, como processo de interpretação e compreensão, estando o sujeito aberto ao outro, em suas visões de mundo. Nesse contexto, a escola deixa de se constituir em espaço de reprodução do conhecimento e passa a ser espaço de interação e construção do conhecimento, de forma crítica e participativa.

Está explícito em Gadamer, na sua Hermenêutica filosófica, a crítica ao Iluminismo, pois diferente das ciências, não existe sujeito neutro. A partir da Filosofia moderna se constata que em toda pesquisa o objeto está contaminado com o sujeito, então toda ação hermenêutica leva em consideração as estruturas prévias, aquilo que nos constituem como ser humano. Estarmos abertos à relação, à existência, ao contexto educacional. Nossas virtudes e valores são considerados estruturas prévias, nossas resistências em relação a algo que ouvimos demonstram que não somos neutros, nossas relações são mediadas pelas estruturas prévias, o processo da compreensão acontece a partir do choque de estruturas existentes em todos os seres humanos, o que chamamos de “preconceitos”.

Os preconceitos seriam tudo aquilo que nos constituem como seres humanos. Toda crença que carregamos deve ser considerada quando interpretamos um texto, pois é comum não enxergamos o que texto diz por lançarmos algo de nós no texto, fazermos a separação daquilo que é nosso para o que nos chega à compreensão, para não confundirmos nossas compreensões com nossos preconceitos, isso é normal em Gadamer.

A tradição, ou seja, os costumes, a cultura, as etnias são fundamentais para compreendermos, a partir da mediação, e interpretarmos os acontecimentos. Num texto ou num discurso, colocamos à tona nosso contexto histórico, por isso a interpretação se tende ao infinito. Toda informação que possuímos se choca com a nossa interpretação, mesmo que nos detenhamos com aquela que nos parece ser mais contundente e satisfatória.

Falar em Hermenêutica filosófica voltada para a educação e para formação dos indivíduos, significa dizer que dela lançamos mão para embasar o fato de que não há tempo certo para a compreensão do sentido dos atos educativos, depende em primeiro lugar da interpretação que cada um fará do fato. Cada ser age e compreende um fato de uma forma, baseado na realidade da qual faz parte, e conforme Herman (2002) a partir de uma relação que vincula os indivíduos. A compreensão não acontece, então de forma isolada, desde um sujeito apenas (Bertineti; Brun; Oliveira, 2023, p. 3).

3 ENSINO DE FILOSOFIA COMO UM “PERGUNTAR FILOSÓFICO”

Poderemos iniciar este capítulo fazendo uma breve explanação do surgimento da Filosofia. Ela nasce na Grécia desde a mitologia grega. Já era um pensamento estruturado sobre os fatos, por meio da arte, da imagem, da criação, mas passou a ser uma necessidade mais racional de explicar os fenômenos da natureza com a metafísica e logo passa a ser algo mais argumentativo, menos contemplativo. Porém, sem deixar de ser, para ser mais objetivo, mesmo anterior a nascimento da Ciência, nasce como método argumentativo, as questões sociais ligadas à vida em sociedade, na Polis, discussão sobre o destino das cidades, a política, os direitos e deveres, um pensamento que não fica mais em imagens. Então a linguagem começa a ganhar método, como meio de argumentação e compreensão. A Filosofia passa a se constituir por meio da linguagem. O filósofo não quer ser apenas sábio, ele quer ser amigo da sabedoria, pois *filo* é igual a amizade, amor, e *sophia* é igual a sabedoria.

Para o presente capítulo, vimos que Alejandro Cerletti, em *O ensino de Filosofia como problema filosófico*, traz respaldo à nossa pesquisa e sustentação para intervir sobre como ensinar na perspectiva do perguntar filosófico, como levar o aluno a dizer sua própria pergunta. Digamos que depende de como nos situamos enquanto professor e professora de Filosofia ou filósofo(a). Assumindo o compromisso de sempre questionar o seu papel do ensinante de Filosofia, aprendendo a ensinar em condições variáveis, de criar oportunidades de reflexão da prática, das abordagens a serem apresentadas, de como o estudante se posiciona na apreensão dos conteúdos ou conceitos, bem explicitado ainda na introdução da obra:

Trata-se muito mais do que de ocasionais desafios pedagógicos, de verdadeiros questionamentos filosóficos e políticos. A docência em filosofia convoca os professores e as professoras como pensadores e pensadoras, mais do que como transmissores acríticos de um saber que supostamente dominam, ou como técnicos que ampliam estratégias didáticas ideadas e especializadas para serem empregadas por qualquer um, em qualquer circunstância (Cerletti, 2009, p. 9).

Afinal o que é ensinar Filosofia? Podemos definir conceitualmente com uma resposta simples, mas para isso deveríamos definir o que é a própria Filosofia e esta não teria uma única resposta, pois seria proveniente das diferentes concepções aceitas ou seguidas por quem a conceitua, assim como não seria simples. Segundo Cerletti, responder o que é aprender Filosofia nos levaria a compor uma lista de

habilidades, conceitos, metodologias e determinações que abrange o ensino e o que é ensinar Filosofia, o que é filosofar e afins para tentar explicar algo que não mantém uma só possibilidade.

Empiricamente nos deparamos com *feedbacks* dos nossos educandos que determinam um caminho, algumas vezes sinuosos, outras vezes lineares, com definições do tipo: “o papel da Filosofia é interpretar a vida”, “aprender sobre a realidade”, “discutir pensadores e pensamentos”, “conhecer filósofos e teorias”, “ressignificar conceitos”, “posicionar-se diante de questões políticas”, conceitos-chave que nos remetem ao papel da Filosofia enquanto campo do conhecimento que amplia nossa atuação por meio da reflexão, do estranhamento, da dúvida, da recriação e da interpretação.

Apesar de qualquer tentativa de apresentação da Filosofia, todos estão na busca pelo saber, daquilo que nos remete etimologicamente à palavra “Filosofia”, aspirando e desejando o conhecimento, numa relação amorosa, de conato de linguagem, de Filosofia e filosofar que estão intimamente ligados. A troca de experiências, seja no fazer pedagógico, seja na prática do ensino, seja no próprio estilo de vida do filósofo, mas desde Sócrates, busca construir um conhecimento sólido nas tentativas de respostas. Essas respostas partindo do perguntar e perguntar-se, do construir e desconstruir-se.

O filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber). Isso pode sustentar-se tanto no interrogar-se do professor ou dos alunos e nas tentativas de respostas que ambos se deem, bem como no de um filósofo e suas respostas. O perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do ‘ensinar filosofia’ (Cerletti, 2009, p. 20).

O diálogo hermenêutico também implica na atitude filosófica de aprender a questionar, de buscar respostas, de ampliar o seu olhar para novas compreensões. Para Gadamer (cf. 2009, p. 439), a possibilidade de compreensão também se dá numa relação do perguntar em um diálogo, para se alcançar entendimento. Afirma ainda que toda pergunta tem um sentido. O sentido dessa pergunta é a única direção que a resposta pode adotar se quiser ser adequada e ter sentido. O perguntar sempre pressupõe certa abertura no ser interrogado. Essa interrogação mantém aberto ao diálogo, uma vez que as respostas não são predeterminadas. De outro modo, o

diálogo não seria possível, pois já se teria um conhecimento objetivado, pois num diálogo não se busca afirmar suas convicções e opiniões.

Em uma aula, o modo de interpelar os estudantes deve apresentar questões relevantes para eles, pois somente a partir daquilo que faz sentido para eles podemos abrir-lhes possibilidades de respostas e interação. Perguntas já engessadas de respostas preestabelecidas não motivam um diálogo efetivo. Na experiência hermenêutica, a provocação abre-se a inúmeras possibilidades de saberes, de questionar-se, de encontrar respostas diversas num processo contínuo de descobertas.

Quem pensa já conhecer as respostas em um diálogo não entendeu o que é uma pergunta, pois em Gadamer perguntar permite sempre ver as possibilidades que ficam em suspenso. Pôr em suspenso é a base do perguntar, estar atento às possibilidades de respostas, compreender o outro de acordo com aquilo que escuta do outro, colocando em evidência os próprios preconceitos e abrindo-se à compreensão a partir da questionabilidade.

3.1 A INTENCIONALIDADE FILOSÓFICA

A intencionalidade filosófica do perguntar se enraíza na aspiração ao saber e em seu questionar não se aceita a primeira resposta como a verdadeira. O senso comum está ligado ao processo de socialização das pessoas e é um fator de grande importância na formação da sociedade. São os fatores culturais que determinam como os indivíduos devem se portar diante da sociedade.

Os hábitos culturais, os valores morais, religiosos e artísticos são fatores que determinam os padrões de vida que devemos seguir. Socializamos no dia a dia os costumes, aceitamos e reproduzimos regras e contestamos algumas, pois faz parte da convivência humana. Os acontecimentos históricos ora vigoram e podem ser modificados, dependendo, pois, da ocasião. E os questionamentos acerca do que é certo ou errado vão depender da maneira que aceitamos essas confirmações.

Para Cerletti (cf. 2009, p. 24), a intencionalidade filosófica do perguntar se enraíza na aspiração do saber. O que distingue o saber para o filósofo é a aspiração do saber sem supostos, pois o questionar filosófico é permanente e é impossível um saber sem supostos. Diferentemente das perguntas científicas, políticas, religiosas que se detêm quando aparece a inquestionabilidade dos supostos, o cientista ficará

satisfeito quando suas perguntas forem respondidas cientificamente, com um conhecimento limitado a uma disciplina a qual domina.

O interrogar filosófico não se satisfaz, pois, com a primeira tentativa de resposta, mas se constitui, fundamentalmente, no reperguntar. Ao fim e ao cabo, não é outra coisa senão a incomoda insistência do velho Sócrates em perfurar as afirmações até fazê-las cambalear, ou até que elas sejam capazes de mostrar sua fortaleza. Em sentido estrito, o perguntar filosófico não se detém nunca, porque, para um filósofo, o amor ou desejo de saber (a filo-sofia) nunca é preenchido (Cerletti, 2009, p. 24-25).

Assim sendo, Sócrates é o líder do questionamento, da maiêutica e da ironia, o sujeito das perguntas, que quanto mais sei, sei que nada sei. Durante muito tempo o homem se utilizou apenas do senso comum para compreender o mundo, utilizando-se do conhecimento mítico para explicar fenômenos existentes na natureza, exercendo o domínio sobre e retirando dela o seu sustento, sua moradia, seus remédios e sua inspiração para desenhar, descobrindo as técnicas de contar e como registrar suas descobertas para futuras gerações.

Os valores recebidos como herança cultural acobertam verdades consideradas indiscutíveis, e por isso são importantes para a pesquisa. O indivíduo age socialmente na medida em que consegue discernir senso comum de bom senso, que é quando ele começa a compreender que o mundo é formado de perguntas e respostas.

Quando se fala em conhecimento refere-se ao ato de conhecer como uma ligação entre a consciência e o objeto, que é o produto do conhecimento assimilado. Portanto, o indivíduo só adquire conhecimento quando entra em contato com os objetos existentes na natureza e no convívio social, pois não poderá ser um saber isolado, só acontece na relação, sujeito-objeto-meio.

Na Antiguidade, o ato de conhecer preocupava-se apenas em conhecer o objeto. Na Idade Média torna-se disciplina independente. Para os antigos, mesmo o homem podendo enganar-se ou ainda ater-se a vários níveis de conhecimento, não se colocava em prova a realidade do mundo nem a capacidade do indivíduo em conhecê-la. Já para os modernos, a realidade é tida como um problema e passa a ser necessária uma investigação, que parte da origem do conhecimento (qual a fonte de conhecimento?) com relação ao critério de verdade (o que permite reconhecer o verdadeiro?). Com questionamentos desse tipo, surgem então duas linhas de pesquisas, o racionalismo e o empirismo, que dão o marco inicial à reflexão filosófica sobre os objetos.

Segundo Freire, o ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta, acabada, mas sim como um ser em busca constante de autorrealização e de crescimento, o que pode ser identificado com o seu processo contínuo de humanização. Nesse sentido, apresenta-se o Processo de Conscientização e Diálogo, por meio do qual os seres humanos poderão tornar-se sujeitos no processo educativo, bem como na construção de sua humanidade.

Como poderia o filósofo falar da arte se não existissem os artistas que fazem as obras, ou da ciência, se não houvesse cientistas que desenvolvem as suas teorias, ou da justiça, se ninguém se interessasse por política, ou do amor, se não houvesse enamorados? (cf. Cerletti, 2009, p. 25).

Nos estudos de Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, observa-se que a questão dramatizadora que deve ser focalizada é o adágio popular que diz: “Não importa a quantidade de conhecimento, o que importa é o que fazemos com ele”. A resolutividade para os problemas mundanos está em saber moldar o saber e readaptá-lo para um contexto específico, ou melhor, é preciso conhecer as artimanhas com que os grupos humanos produzem sua própria sobrevivência, isso para qualquer realidade em que se queira trabalhar, na área das relações humanas, da propriedade, do direito do trabalho, da educação ou da saúde.

3.2 PAPEL DO EDUCADOR PARA ATINGIR O FILOSOFAR

A dificuldade dessa tarefa é inegavelmente árdua, requer paciência e, sobretudo, disponibilidade, bom senso, coerência, segurança e competência de quem vai prestar esclarecimentos porque nos deparamos com o seguinte impasse: se, de um lado, não podemos aceitar o senso comum, do outro lado, não podemos chegar como donos da verdade e simplesmente impor de maneira arrogante, o nosso saber como o único caminho a ser seguido, até mesmo porque a atitude de algumas pessoas é resistência, partir de uma ética que coloca os atores educacionais como pares numa relação de diálogo, hermeneuticamente por meio da linguagem, por meio dessa se constroem sentidos, a fusão de horizontes constrói-se novas verdades.

Intercalando Gadamer e sua hermenêutica filosófica, o sujeito educador cria o ambiente filosófico, afasta a ação pedagógica das teorias objetivadoras pautadas no cientificismo, afastando a noção de aquisição do conhecimento por meio de métodos para transmissão do saber e sim de relação dialética, entre professor e aluno, e isso

também se dá pelo questionar, trazer à tona questões relevantes, que façam parte do contexto e que se abrem a novas descobertas, a respostas variadas, sem que o educador tenha pretensão de concordar ou discordar, mas instigar saberes que ele próprio desconhece. Assim, não temos um sujeito que sabe e outro que aprende, ambos estão no mesmo patamar de descoberta, embora dependam também da bagagem cultural que cada um carrega, um aprende com o outro no dialogar.

Segundo Gadamer, a pergunta colocada num diálogo possibilita a compreensão partindo do entendimento da própria interrogação, quando se trata de um tema que faz parte do contexto. Portanto compreender o que motiva a pergunta é um grande passo para que o entendimento seja alcançado e, para isso, o questionamento deve fazer sentido, ser bem orientado num diálogo.

Gadamer afirma, com isso, que toda pergunta tem um sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é, pois, a única direção que a resposta pode adotar se quiser ser adequada e ter sentido. Com a pergunta, o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva. O surgir de uma pergunta pressupõe sempre introduzir uma certa abertura no ser do interrogado (Gadamer, 2009, p. 439).

No entanto, o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada. Antes, poderíamos dizer que ele é um recriador de problemas. Assim posto em Cerletti (2009), a filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias.

Foram as experiências e as observações provenientes da cultura que serviram de caminho para o homem como também ajudaram a modificar o seu jeito de ser e agir. A partir do momento que ele passa a descobrir que pode intervir na ordem de funcionamento das coisas e, principalmente, que pode controlar e prever a realidade, desprende-se do conhecimento popular e apega-se ao conhecimento científico.

Desde a Antiguidade que a humanidade busca incansavelmente compreender a realidade, buscando conhecer os seres e a natureza em sua totalidade. Na constante busca por respostas, depara-se com desafios: a dimensão humana do mundo, perguntas e respostas. Parte da sua experiência de povo – o senso comum – e chega aos extremos da capacidade humana. Nasce com a filosofia a perspectiva que iria revolucionar a nossa história, dando respostas para os problemas mundiais.

Em virtude disso, poderíamos também afirmar que a Filosofia pensa as condições de suas perguntas. Ou, o que é o mesmo, que a Filosofia pensa as próprias condições. Certamente, o mundo que condiciona a Filosofia é o de seu tempo (o do

passado, reconstruído desde o seu tempo). Será que o objetivo da Filosofia é levar o conceito ao que se apresenta o mundo? Portanto, a Filosofia tem por objetivo formular conceitualmente problemas que interessam ao pensar de hoje e investigar as diferentes formas de conceitos envolvidas, desenvolvendo uma maneira peculiar e em geral de interrogar-se sobre a verdade das palavras, das coisas e do ser.

Ela surge em meio às grandes evoluções para mostrar a comprovação de dúvidas provocadas no homem pelo conhecimento do senso comum. Mostra às vezes que o que é considerado correto pelas crenças pode ser contestado pela ciência como, por exemplo: quando se achava natural que a Terra estivesse imóvel e o sol girasse em torno dela, entre outros. Já em contraposição ao senso comum, essa hipótese seria considerada como uma verdade incontestável.

Na realidade, o conhecimento científico é aquele que discorda do senso comum, mas baseado nas suas experiências vai sempre em busca do seu entendimento. Para que tal procedimento ocorra, ele se utiliza de técnicas de pesquisa para tornar verídico o que propagou o conhecimento popular. Todo conhecimento, para ser considerado científico, precisa ter as seguintes características: ser sistemático, seguro, objetivo e universal, portanto, só será tido como científico após a autenticidade da sua existência e a utilidade que dará à humanidade.

As perguntas que a Filosofia formula assumem ou fazem referência, de maneira direta ou indireta, à pergunta que as fundam: o que é Filosofia? Mas para a Filosofia, a delimitação de seu campo é já um problema filosófico e, como indicamos no capítulo precedente, não há uma resposta unívoca a essa questão. O conhecimento adquirido no contato com a cultura dos antepassados, transmitida pelas famílias e que hoje sofre a interferência da escola, surgiu da necessidade humana de sobrevivência no tempo em que o único objeto de estudo e pesquisa era a própria natureza, observada e explorada com a ingenuidade de criança. Não há delimitação para a Filosofia, por mais que os seres humanos questionem qualquer tipo de conhecimento ou acontecimento, sempre haverá uma curiosidade acerca das suas necessidades.

O homem tem necessidade de conhecimento e precisa ter espaço para aperfeiçoá-lo e divulgá-lo, para que não venha a tornar-se um ser inválido e inacabado, pois é parte do mundo e precisa transformá-lo. Os hábitos culturais, os valores morais, religiosos e artísticos são fatores que determinam os padrões de vida que devemos seguir. Socializamos no dia a dia os costumes, aceitamos e reproduzimos regras e contestamos algumas, pois isso faz parte da convivência

humana. Os acontecimentos históricos ora vigoram e podem ser modificados, dependendo, pois da ocasião.

Para que o ato de pensar ocorra, o indivíduo deve ter a mente aberta, não achar que está certo de suas certezas e, conseqüentemente, um conhecimento novo será bem-vindo e o conhecimento existente continuará absolvido, além de pensar em um conhecimento ainda não existente, ou seja, em possibilidades (ciclo gnosiológico). Esse ciclo, junto com a curiosidade epistemológica, gera no educador e no educando o interesse em pesquisar; não “[...] há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2002, p. 32). Ao pesquisar algo, obterá novas informações e serão compartilhadas.

Em virtude do exposto, a reflexão sobre o ensino filosófico deveria voltar-se, como adiantamos, para as condições de possibilidades das perguntas filosóficas e para como é possível criar um âmbito em que um grupo de alunos, e cada um daqueles que o integram, assumam por conta própria alguns interrogantes filosóficos. A educação foi uma das preocupações centrais de Paulo Freire e falar desse teórico educador e filósofo é considerar o homem como sujeito, instaurar uma filosofia do sujeito e a possibilidade de uma nova filosofia da educação. Com Paulo Freire, o sujeito torna-se aquele que se sustenta em sua própria existência.

É perceptível que é a partir de uma consciência crítica que os seres humanos evoluem seu conhecimento, tornando-se parte da história e fazedor de cultura. O homem, antes do conhecimento científico, sobrevivia e resolvia seus problemas em ambientes iguais ou diferentes do que temos hoje. Percebe-se que o conhecimento científico se constitui por um caminho bastante notável, construído pela humanidade para auxiliá-la nas respostas para os diversos problemas apresentados para nós no dia a dia. Entretanto, para estar mais próximo da realidade, utilizam-se abordagens reais.

Para um conhecimento ser considerado científico, precisa do auxílio do senso comum e da Filosofia. Portanto, todos os conhecimentos e questionamentos são levados em questão para se chegar a um denominador comum. É por meio da consciência filosófica que o cientista irá refletir sua pesquisa. Ela é que vai orientá-lo na formulação de suas hipóteses, fazendo o trabalho de seleção daquela que se aproxima o máximo possível do objeto investigado.

Durante muito tempo, o homem se utilizou apenas do senso comum para obter sucesso na ação educativa, utilizando-se do conhecimento mítico para explicar

fenômenos existentes na natureza. Exercendo o domínio sobre ela e retirando dela o seu sustento, sua moradia, seus remédios e a inspiração para desenhar, descobrindo as técnicas de contar e como registrar descobertas para futuras gerações.

Os valores recebidos como herança cultural acobertam verdades consideradas indiscutíveis e por isso são importantes para a pesquisa. O indivíduo age socialmente na medida em que consegue discernir senso comum de bom senso, que é quando ele começa a compreender que o mundo é formado por perguntas e respostas. O bom senso é o que retoma criticamente os valores recebidos por meio do senso comum, analisando-os criticamente e transformando-os a partir das situações.

Quando se fala em conhecimento, no ato de conhecer como uma ligação entre a consciência e o objeto, que é o produto do conhecimento assimilado. Portanto, o indivíduo só adquire conhecimento quando entra em contato com os objetos existentes na natureza e no convívio social, pois não poderá ser um saber isolado; só acontece na relação sujeito-objeto-meio.

Na Antiguidade, o ato de conhecer preocupava-se apenas em conhecer o objeto. Na Idade Média, torna-se disciplina independente. Para os antigos, mesmo o homem podendo enganar-se ou ainda ater-se a vários níveis de conhecimento, não se colocava em prova a realidade do mundo nem a capacidade do indivíduo em conhecê-la. Já para os modernos, a realidade é tida como um problema e passa a ser necessária uma investigação, que parte do conhecimento. Levar adiante um gesto de desnaturalização daquilo que lhe aparece, interpela o que “se diz” e se dirige aos saberes com uma inquietude radical. Pois bem, a questão é como se poderia ensinar essa intencionalidade ou esse desejo de saber que sustenta as perguntas filosóficas.

É evidente que o desenvolvimento do conhecimento humano e da cultura está intrinsecamente ligado à consciência crítica. Antes do advento do conhecimento científico, os seres humanos sobreviviam e solucionavam seus problemas em contextos diferentes dos atuais. A ciência se destaca como um importante caminho construído pela humanidade para enfrentar os desafios do cotidiano, embora não seja o único. No entanto, para uma compreensão mais abrangente da realidade, é importante considerar diferentes abordagens, como a mística, religiosa, artística, científica, filosófica e do senso comum. Cada uma dessas perspectivas destaca aspectos essenciais que não podem ser ignorados pelo conhecimento científico.

Quando na situação de dar aulas – sobretudo na escola ou em cursos de graduação que não são de Filosofia –, tenta-se encarar a interrogação “o que é a

Filosofia?” (ou “para que serve?” etc.), torna-se difícil alcançar uma resposta única. Quem escuta costuma ficar com a estranha sensação de que se trata de jogos de palavras ou, em última instância, de que se está querendo eludir uma definição aceitável.

Pois bem, essa incerteza, incômodo ou insatisfação, surgida da impossibilidade de dar conta cabalmente do mais básico da nossa atividade, longe de ser um obstáculo filosófico ou didático- ou talvez, precisamos por sê-lo-constitui a chave do filosofar. Consideramos que o que move alguém a filosofar, é o desafio filosófico de ter que dar conta, permanentemente, de uma distância ou de um vazio que nunca é preenchido, satisfeito (Cerletti, 2009, p. 27).

É certamente possível trabalhar com uma proposta e metodologia na educação básica humana libertadora que contribua para a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, por um processo de conscientização e diálogo, e não necessariamente confrontado com Alejandro Cerletti, de querer inquirir uma definição infalível. Isso se ajusta com o que Freire denominou como “educação problematizadora”. Os seres humanos poderão deixar de serem tratados como coisas para transformarem-se plenamente em pessoas conscientes de si e de seu papel histórico no mundo.

Consideramos que o que move alguém a filosofar é o desafio de ter que dar conta, permanentemente, de uma distância ou de um vazio que nunca é preenchido, satisfeito. Poderíamos dizer que nós, que nos dedicamos à Filosofia, atualizamos a cada dia esse desafio, porque tentamos responder cotidianamente àquela pergunta. O desafio de uma Pedagogia da autonomia e o desenvolvimento de uma Filosofia do sujeito devem ser assumidos pelos docentes, pois se assim forem, o desenvolvimento dos sujeitos no processo educativo, bem como na construção de sua humanidade, torna-se plenamente possível.

Apenas a ciência tem o saber dado pela experiência de prever para controlar os fenômenos existentes na natureza, não descartando a possibilidade de erros, pois para a ciência nem tudo que é colocado em estudo pode ser considerado verdade e, conseqüentemente, o erro pode estar mais presente em uma pesquisa do que o acerto, por isso que ela é falível.

Mesmo que o indivíduo não esteja em constante contato com a ciência ou não tenha adquirido sua prática a partir de pesquisas ou leitura sobre o tema, ele desenvolve vários conceitos do que vem a ser ciência. Pois somente ela tem o papel

de *status* indispensável na formação da sociedade e dependemos dela para curar doenças, prever catástrofes e melhorar as condições de vida da humanidade.

O indivíduo leva consigo a cultura que dá valor e prestígio à ciência, contribuindo assim para que os seres humanos tenham, mesmo que precariamente, uma noção do que vem a ser. E ensinar, ou tentar transmitir a Filosofia, é antes de mais nada um desafio filosófico, porque na tarefa de ensinar vemo-nos obrigados a enfrentar esse vazio e tentar reduzir, cada um à sua maneira, aquela distância que busca ser preenchida.

É viável essa preocupação, pois se a curiosidade faz parte da Filosofia de sempre questionar o que queremos para a ciência, se não é possível testar uma teoria criada diante do conhecimento científico, isso contribui para que o conhecimento racional se aproxime do real, além de ser a única área de conhecimento que utiliza métodos investigativos para avaliar suas hipóteses. Dessa forma, para enfrentar o vazio de questionamentos e respostas, nada mais viável que a pesquisa.

Mas há os que já escolheram habitar a Filosofia. Filósofos, professores de Filosofia e pesquisadores em Filosofia encaram tal desafio porque ele é o seu, é o que escolheram. Mas o que acontece com quem não o fez, pelo menos até o momento? “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (Freire, 2002, p. 98).

Portanto, a resposta não se esgota em afirmar que o ensino filosófico se dirige basicamente a promover e a exercitar aquelas habilidades, ainda que certamente constituam um aspecto substancial. Os conhecimentos filosóficos e científicos se completam, um depende do outro para existir, e enquanto o conhecimento popular apresenta-se de modo fragmentado e acrítico, generalizando o fato observado, o conhecimento empírico busca, ao contrário, a complementação, sendo rigoroso e crítico, partindo dos conceitos elaborados pelo senso comum, e busca na ciência o auxílio necessário para testar as hipóteses formuladas no conhecimento empírico. Os dois conhecimentos precisam da ciência para a comprovação de seus fatos.

O desafio é, então: em que medida se poderia ser um pouco filósofo, sem importar o nível de conhecimentos? É possível que, no ensino de Filosofia em qualquer nível, haja algo próprio do filósofo, algo que seja comum tanto àquele que se inicia na Filosofia quanto ao filósofo experiente?

Sim, são esses conhecimentos que norteiam a humanidade para a busca de respostas para os problemas que presenciamos no nosso dia a dia, e também podem contribuir para que alguns fatores negativos aconteçam. Não pode existir conhecimento sem a presença de um objeto, mas o que desperta no homem o espírito crítico é a necessidade de descobrir como surgiram as coisas no mundo, para que ele possa alcançar seus objetivos com relação às suas investigações.

Há, portanto, de se compreender que é preciso que o educador sintetize seu aprendizado no que diz respeito ao ensinar. Ele precisa saber que ensinar é problematizar conhecimento, criando possibilidades para sua produção ou sua construção no aprendizado do aluno. Assim, afirma Paulo Freire (1992, p. 23): “[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Ao descobrir a arte de ensinar, podemos deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, fazendo com que ele se torne cada vez mais criador de sua própria história e de seu aprendizado.

No caso específico da Filosofia, sustentaremos que há aspectos da prática do filósofo que podem ser postos de manifesto, de diferentes formas, nos diversos níveis de ensino que poderia haver algo em comum, desde o ponto de vista qualitativo, entre a atividade de um filósofo e a de alguém que se inicia no filosofar. A reflexão crítica é um ponto primordial que o educador tem sempre que inserir na sua ação pedagógica, pois mediante essa relação se fará uma formação permanente dos professores. A curiosidade sobre o pensar seria a mola propulsora entre a reflexão crítica sobre a prática de hoje ou de ontem que pode melhorar a próxima prática (cf. Freire, 2002, p. 43-44).

O conhecimento filosófico ajuda o cientista a fazer esse processo de unificação de dados partindo do conceito geral do objeto analisado para um único que concretize os fatos. É incoerente dizer que se pode mudar se você não está aberto a essa mudança cotidiana na ação docente. O reavaliar é uma ponte de comunicação entre essa criticidade.

Segundo o professor Paulo Freire, a reflexão envolve o pensamento, dinâmico, dialético entre a prática e a ação. Além da reflexão crítica, faz-se necessário o reconhecimento e a valorização da identidade cultural do educando, pois todo indivíduo chega ao seio escolar já trazendo consigo uma bagagem cultural. Não se pode restringir apenas ao conhecimento dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, cada um deve ser consciente do seu papel.

Ao nos assumirmos, não estamos excluindo os outros. Isso significa assumir-se como ser histórico, social, pensante, transformador e criador. A construção de um saber junto ao educando depende da importância que o educador dá à parte social, à comunidade à qual ele trabalha para conseguir aproximar os contextos à realidade vivida, e acontece, sim, em diversos níveis de conhecimento.

Quando surgia qualquer problema relacionado ao saber comum, os povos da época passada não verificavam a sua verdade com base no mundo real. Buscavam respostas por meio da fé, recorriam aos filósofos e aos teólogos, que eram considerados as autoridades sábias da época. Atualmente, quando aparecem perguntas para que o pesquisador se defenda das críticas, ele busca reforço nos trabalhos de teóricos e pesquisadores que já estudaram e se aprofundaram no tema. Como citaremos, ao fazer um trabalho acadêmico de conclusão de um mestrado a pessoa precisa ter sua pesquisa embasada na visão de estudiosos e pensadores que abordem o tema escolhido, pois precisará de referências para tornar sua pesquisa incontestável.

A ciência encaminha o cientista para que ele descubra as leis imutáveis que estão por trás do objeto em análise, levando-o a construir em si uma visão crítica, linear e genuína desse objeto. O repto consistiria em encontrar algo germinal no filosofar dos filósofos que possa ser atualizado com os aprendizes de Filosofia. Com certeza, não será item uma definição de Filosofia nem um conteúdo filosófico específico já que, como dissemos, isso poderá variar de acordo com a perspectiva da Filosofia que se adote. O que haveria que tentar ensinar seria, então, esse olhar agudo que não quer deixar nada sem revisar, essa atitude radical que permite problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal.

Dada a vagueza inerente a esses posicionamentos (suspeita, olhar agudo, radicalização, dúvida), é inevitável concluir que o ensino de Filosofia é, basicamente, uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais. Fica aberto o espaço para um decisionismo no ensino de Filosofia. Tentaremos mostrar que para levar adiante a tarefa de ensinar Filosofia, uma série de decisões deve ser adotada. Indica que, não sendo a Filosofia um saber cuja identificação é consensual, a tarefa de ensinar promoverá no professor uma série de decisões subjetivas a serem tomadas, para além das diretrizes sobre o quê e como ensinar. Perguntas tais como “o que é e por que ensinar Filosofia?” e ainda “se a

Filosofia se ensina, de quais modos seria possível?” estão imanentes ao seu ofício de dar aulas. “Em suma, tais questões partem da necessidade de definição estatutária sobre esse saber que efetivamente se responde como reflexão filosófica”.

E essa disposição encontramos em qualquer filósofo: em Sócrates, em Descartes, em Kant, Marx, em Wittgenstein ou em Deleuze. E, ainda que cada um desses filósofos defina as próprias perguntas, construa seus problemas e ofereçam suas respostas, ou seja, elaborem a sua Filosofia, a tenaz inquietude da busca é um traço comum a todos os filósofos. Ao defender a ideia de criticidade, da esquerda ou da direita, o autor aponta a necessidade de professores assumirem na sala de aula uma postura de posicionamento sobre o mundo e, dessa forma, incentivar seus alunos a colocarem também juízo de valor sobre tudo.

Para Paulo Freire, os saberes educacionais não podem se desvincular desse olhar crítico. Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela autora e devo, inclusive, expor aos alunos as razões por que me oponho a ela, mas o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética, formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente. Não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente, nos dedicar.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador. O mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória. Não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, porém pensa de modo mecanicista. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. “A realidade que eles têm que ver, é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto” (Cerletti, 2009, p. 28-29).

A ciência trabalha com teorias, algumas provenientes do senso comum, tornando a sabedoria popular comprovada por métodos e estudos. O olhar crítico do cientista ajuda no processo de filtração das informações para o conhecimento científico, enxugando ao máximo tais informações até alcançar sua objetividade. Já o saber popular constrói suas teses a partir do método indutivo como, por exemplo, se certos fenômenos acontecem com frequência é considerado comum e acrítico, como sendo uma lei natural das coisas, não se preocupando em apresentar provas concretas, diferente do que vemos numa pesquisa científica.

Ainda em Cerletti (2009), sustentamos que não há uma maneira exclusiva de definir a Filosofia e que essa particularidade é a base de grande parte de sua riqueza e de seus desafios, já que qualquer tentativa séria de abordá-la nos conduz inexoravelmente a ter que filosofar. O ensino de Filosofia não é, então, algo que se possa “resolver” estando fora dessa questão.

O educador deve sempre buscar na sua ética respeitar a curiosidade do educando. Como o professor é um exemplo diante da turma, uma fonte de conhecimento, ele não pode negar nenhuma informação para o educando, afinal é preciso deixar claro que a transgressão da ética jamais pode ser vista ou entendida como virtude ou como reflexão de uma docência. O que Freire quer dizer é que se alguém se torna machista, racista, classista, dentre outros, que se assuma como transgressor da natureza humana.

Ensinar filosofia supõe basicamente ensinar a filosofar e caracterizamos o filosofar mais do que pela aquisição certos conhecimentos ou pelo manejo de alguns procedimentos – por um traço distintivo: a intenção e a atitude insistente do perguntar, do problematizar e, de acordo com isso, de buscar respostas (Cerletti, 2009, p. 29).

Na visão de Paulo Freire, a educação deve ser capaz de promover a autoconfiança e toda ação educativa deve ser um ato contínuo de recriação e de ressignificação de significados enquanto condição de possibilidade para uma educação conscientizadora e libertadora, dentro de uma perspectiva contínua de diálogo.

A educação é vista por Paulo Freire como uma pedagogia libertadora, capaz de torná-la mais humana e transformadora para que homens e mulheres compreendam que são sujeitos de sua própria história. A liberdade se torna o centro da sua concepção educativa e essa proposta fica explícita desde o início de sua

carreira. A educação da escola deve levar o desenvolvimento global e harmonioso à luz dos valores sociais, despertando e estimulando o educando para a verdade, a justiça, o respeito e a solidariedade. Esse ideal da instituição vai ao encontro da formação e das concepções educacionais de Paulo Freire, que crê na educação autêntica como o caminho necessário para a justiça e a paz. Assim, Freire (2002, p. 11) descreve que a escola deve estar pautada em um modelo de “[...] pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando”.

Como se relacionariam os conteúdos filosóficos tradicionais com a intervenção criativa daqueles que participam de uma aula filosófica? (cf. Cerletti, 2009, p. 29) Ainda afirma que o espaço comum entre filósofos e aprendizes será uma “atitude”. Essa seria a suspeita, o questionar, o olhar crítico do filosofar, o ensinar seria aguçar a visão, revisar. Tudo que parece óbvio é passivo de questionamento, mesmo que se apresente como natural ou normal. Encontramos nos maiores filósofos essa atitude: Sócrates, Descartes, Kant, Marx ou Deleuze. Ainda que cada um crie seus próprios questionamentos e elabore suas respostas, a busca incansante e a inquietude são traços comuns a todos os filósofos.

A Filosofia, em especial, leva o aluno à oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, ou seja, permite a ele experimentar um pensar individual. Sabe-se que cada disciplina apresenta suas próprias características, bem como auxilia a desenvolver habilidades específicas do pensamento que é abordado. O método expositivo e a leitura em conjunto de textos clássicos são ferramentas muito eficazes para o estudo de Filosofia. Além disso, alguns conteúdos, mais densos, não nos proporcionam muitas possibilidades didáticas. A contribuição da Filosofia da educação torna-se significativa para repensarmos conceitos e práticas educativas como, por exemplo, o processo formativo dos professores, as práticas educativas, pedagógicas e docentes. Reinventarmos o mundo da escola, reavaliarmos as funções de gestores, coordenadores e professores.

Na metodologia do ensino de Filosofia, um aspecto a ser considerado é o de este ser informativo e não só formativo. Todavia, essa parte informativa não é necessariamente o estudo de algo morto, sem vida e, portanto, sem nada a nos acrescentar na atualidade.

Segundo Freire (2002), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso

teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise deve dela aproximá-lo ao máximo. Quanto melhor faça essa operação, tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, ao me conscientizar de quem sou e das razões para mudar, percebo a importância de evoluir da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. . “Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar” (Freire, 2002,)

4 DA ESCUTA PEDAGÓGICA À PERGUNTA FILOSÓFICA

O ensino de Filosofia no Brasil vivenciou diversos momentos históricos, marcados desde a doutrina jesuítica até os altos e baixos da sua inclusão no currículo escolar atual. Houve uma trégua após a obrigatoriedade da Filosofia e da Sociologia no ensino médio, depois de grandes lutas dos professores brasileiros e da implantação da Lei nº 11.864, um marco para a volta das disciplinas na grade curricular. A discussão da sua importância para o desenvolvimento humano tem travado várias batalhas no âmbito educacional, tendo como argumento principal a necessidade de formar cidadãos críticos. Porém, com o Novo Ensino Médio a trajetória dessas disciplinas, em específico a Filosofia, ainda tem muitos entraves para sua efetivação.

Estamos iniciando uma nova fase na educação com a implementação gradual do Novo Ensino Médio e vimos o enfraquecimento dos conteúdos filosóficos definidos por essa reforma, uma vez que o caráter disciplinar deixa de existir e passamos a trabalhar com áreas de conhecimento, ou seja, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que envolvem, além da Filosofia, a Sociologia, a História e a Geografia.

Para guiar essa reforma temos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que fomenta competências e habilidades a serem adquiridas ao longo da educação básica. Percebemos que muitas dessas competências dizem respeito ao processo de conhecimento a partir do estímulo de ideias, que também é próprio da Filosofia e do exercício da criatividade e da criticidade, atrelado ao viés investigativo de desenvolvimento tecnológico e científico. Toda a organização curricular fica baseada em competências e habilidades das áreas, desconsiderando, assim, a especificidade das disciplinas com relação aos conteúdos próprios. Logo, o conhecimento interliga-se aos demais componentes com a interdisciplinaridade, que se não for bem planejada deixa uma área mais sobressalente do que outra e o contexto filosófico fica aglutinado entre as demais disciplinas.

Além disso, as redes de ensino têm autonomia para elaborar sua organização curricular, sendo particular em cada unidade, somente com a participação dos mais interessados, no caso, os professores da área. Assim não teríamos maiores disparidades de uma localidade para outra. Com a perspectiva dialógica, pudemos perceber que os documentos orientadores nos dão abertura para a inserção das diversas temáticas, e para encontrar nelas um fator de interligação.

Desde as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), educadores são orientados por quais caminhos devem pautar o seu planejamento de ensino e quais objetivos devem alcançar:

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios (OCEM, 2006, p. 29).

Se analisarmos os objetivos de cada documento orientador, todos irão culminar no desenvolvimento de competências que levarão ao posicionamento do estudante diante do contexto inserido, dependendo, para tanto, da compreensão e do conhecimento para agir criticamente. O documento orientador das OCEM/2006 elenca os conteúdos que devem ser lecionados. Cerca de 30 conteúdos ainda apresentam metodologias mais empregadas em aula, nos últimos tempos, por professores das mais diversas formações, na tentativa de contemplar a aprendizagem adequada.

Seguem, então, algumas considerações sobre procedimentos metodológicos que podem ser úteis na prática acadêmica. Como se sabe, a metodologia mais utilizada nas aulas de Filosofia é, de longe, a aula expositiva, muitas vezes com o apoio do debate ou de trabalhos em grupo. A grande maioria dos professores adota os livros didáticos (manuais) ou compõe apostilas com formato semelhante ao do livro didático; mesmo assim, valem-se da aula expositiva em virtude da falta de recursos mais ricos e de textos adequados (OCEM, 2006, p. 36).

Assim seguíamos as aulas de Filosofia, utilizando o arcabouço de conteúdos e de forma expositiva, com o uso de manuais. O tempo de aula sempre foi restrito a uma hora-aula, muitas vezes de apenas 50 minutos, para um trabalho mais eficiente, porém tentando minimizar as necessidades, ora existentes. Apesar de o documento fazer duras críticas aos professores de áreas distintas que lecionam Filosofia:

A diferença em relação à graduação, no entanto, não pode significar uma espécie de ecletismo, no ensino da Filosofia. O que corresponderia a uma espécie de saída de emergência para professores sem formação devida, como se fora um recurso de pleno bom senso, residindo aí seu maior perigo (OCEM, 2006, p. 38).

Já com o Novo Ensino Médio, a diversidade de formação pode ser algo bem aceito e positivo, uma vez que se perde o caráter individualista das disciplinas.

Acreditamos que mesmo com formações distintas, os professores buscam contemplar as diretrizes, ainda que uma hora ou outra se utilizem daquilo que têm mais segurança e conhecimento, advindo de sua formação inicial.

Pessoalmente, minha formação é em Pedagogia, em Alagoas. Assim, estamos aptos para ministrar aulas de Filosofia, Sociologia, Ensino Religioso, além da gestão escolar. Em 2019 assumi a regência das turmas de Filosofia, no ensino médio, devido à carência ora existente na escola, e também por me identificar com a disciplina. Em 2002, após o concurso público e com a efetivação de professores da área de Filosofia, não pude dar continuidade ao trabalho em sala, ficando na função de coordenadora pedagógica.

Ainda em aula, realizamos sondagem com as turmas sobre os conhecimentos prévios, para descobrir as necessidades dos estudantes. No diagnóstico foi percebido que nas turmas de primeiras séries, os alunos eram pouco alheios, pois estavam iniciando na disciplina. Já a partir da segunda série, eles não apresentavam muito interesse e as notas anteriores identificavam dificuldades na compreensão dos conceitos trabalhados pelos professores anteriores, muitas notas baixas. Em conversas com os colegas que lecionaram, Percebemos que a prioridade era seguir o planejamento, buscando transmitir o máximo de conteúdo aos alunos para que tivessem uma compreensão abrangente dos temas a serem abordados. Além de conhecerem, mesmo que superficialmente, os conteúdos da disciplina e isso dependia de muitas cópias de textos, pouco debate, muita escrita no quadro e vários conceitos que se tornavam vazios e complicados para os estudantes; prática apreciada pelos estudantes que solicitavam escrita no quadro, para diminuir o tempo de debate, uma percepção nossa. Como o tempo de aula para assimilar era insuficiente e semanal, dependiam também de pesquisas encaminhadas para casa, o que na maioria das vezes não acontecia.

Após essa análise, pensamos em trabalhar com temáticas que dizem respeito ao cotidiano dos estudantes, provocar neles o interesse por conteúdos filosóficos identificando-os como algo próximo da sua realidade. Assim, a partir de rodas de conversas, instigá-los a participar das aulas e avaliar suas potencialidades. Assim elaboramos um projeto para ingressar no PROF-FILO, em 2020, uma vez que seria uma forma de aprofundar os conhecimentos na área e melhorar a prática. Pudemos experienciar a Filosofia como práxis, com algumas dificuldades por não possuímos a

formação específica, mas com o intuito de contribuir da melhor maneira para aprendizagem dos estudantes do ensino médio da escola de lotação.

O projeto inicial tinha como objetivo o trabalho no ensino médio com a escuta ativa, ouvindo o estudante, trazendo a discussão dos problemas cotidianos, existenciais, à luz de textos filosóficos, com o intuito de disseminar conhecimento significativo para sua formação. Vimos na Filosofia essa oportunidade, sendo uma disciplina crítico-dialógica, que desperta o interesse por temas muito variados. Após os primeiros encontros com o orientador, identificamos a intencionalidade da pesquisa, que teria como fundamentação a Hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, até então desconhecida, o que causou certa resistência da minha parte, pelo filósofo. No entanto, as leituras trazidas pelo autor me fizeram perceber que todo o projeto se convertia nessa perspectiva: compreensão mútua por meio do diálogo, sendo ele o principal propulsor do conhecimento.

A priori é necessário apresentar o contexto em que se inseriu a intervenção, num momento de bastante turbulência de pós-pandemia, cheio de incertezas. Ao retornarmos com as aulas presenciais híbridas, após um ano e meio de aulas ministradas no formato remoto, com menos de 20% de participação dos estudantes, chega o momento do tão esperado retorno, cheio de insegurança e protocolos sanitários, uso irrestrito de máscaras, escondendo sorrisos e com tímidas demonstrações de afeto, mesmo que aliviados com o reencontro e a volta gradual da rotina.

A estrutura montada pela rede pública estadual dividia as turmas em dois grupos: A e B, uma semana na escola, outra semana revezava em casa com atividades híbridas e assim enfrentamos momentos difíceis na tarefa de retornar a dar aula de Filosofia, primeiro pelo contato precário, com alunos ingressantes na escola com o primeiro contato com a disciplina de forma convencional. Outra dificuldade era abordar o conteúdo da própria Filosofia, sendo que tínhamos no currículo um planejamento a seguir que envolvia toda a área de Humanas. Eram planos de aula interdisciplinares, a partir de roteiros de ensino planejados por um grupo de professores pertencentes a quatro tipos de laboratórios de aprendizagem. O da Ciências Humanas era discutido entre nós e a cada quinzena poderíamos mudar a temática ou dar continuidade à medida que houvesse necessidade.

A Filosofia ficava aglutinada entre as demais disciplinas das Ciências Humanas, em meio aos mais variados assuntos. Mesmo com a tentativa de

contemplar a todos, raramente era possível abordar algo específico da Filosofia. O conteúdo abordado não se afastava do contexto filosófico, mas era um tanto complexo para os alunos perceberem sua presença ou intenção filosófica nos roteiros de estudo. Além disso, surgiram obstáculos na manutenção de uma sequência de temas devido à constante entrada de novos alunos nas turmas A e B a cada semana, tornando-as mais heterogêneas. A presença de muitos faltosos devido a problemas de saúde, que os afastavam ao menor sintoma gripal para evitar novas contaminações, também contribuiu para um retorno lento e gradual..

Além de exigir dos docentes um novo olhar para a educação, o novo normal trouxe entraves relacionais dos mais diversos, além do agravamento dos problemas psicológicos e da ansiedade, que acometia alunos e professores. A cada encontro, as necessidades de acolhida trabalhando o socioemocional, a abertura ao novo e a flexibilidade davam lugar a uma nova forma de lecionar, baseada no diálogo na percepção do outro, de colocar em prática a tão discutida Hermenêutica filosófica, ficando propício ao encaixe das abordagens para a intervenção.

A primeira ideia de trabalhar com os alunos das primeiras séries não foi possível devido a algumas especificidades da turma. Os estudantes eram, em sua maioria, da zona rural, dependiam de transporte escolar para uma possível intervenção no contraturno. Para não interferir no curso normal das aulas, essa seria a turma de preferência para esse trabalho, por estarem iniciando no ensino médio e poderíamos aderir a essa metodologia utilizando sequências didáticas, como práxis nas aulas de Filosofia, porém já eram alunos com muita carência de aulas desde o confinamento.

A segunda série também estava retomando o que foi visto em 2019 e só nos restava trabalhar com a terceira série, alunos mais envolvidos com questões próprias da disciplina, mesmo estando em processo de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por haver uma vacância na disciplina de Biologia, devido ao afastamento da professora titular em licença materna e até então sem substituição, tivemos esses momentos ociosos para colocar em prática a intervenção. Não houve a participação de todos, pois os alunos foram convidados a participar e teriam livre escolha, sendo que alguns tinham outros interesses para esses momentos livres. O formato de aulas nesse retorno também foi um pouco diferente para as terceiras séries, sendo mais voltados para o exame mesmo, o Enem. Muitos não se inscreveram, mas a orientação da Secretaria de Estado da Educação (Seduc) era trabalhar as temáticas mais recorrentes do exame e incentivar a participação dos

alunos, daí que parecia interessante para eles alguns momentos diferentes, porpostos na intervenção, com mais rodas de conversas, bate papo e leituras diversas.

Iniciado o trabalho de intervenção, contando com a colaboração dos alunos que aceitaram participar no horário da grade em Biologia, uma vez que não havia professor substituto.

4.1 INTERVENÇÃO

Previsto no roteiro, iniciamos o diálogo sobre os conceitos trabalhados em Gilberto Cotrim no livro didático *Fundamentos da Filosofia*. Era o que poderíamos direcionar como subsídio para o trabalho de intervenção previsto pela pesquisa ora explicitada.

Momento 1

Aula expositiva sobre algumas definições de Filosofia (dentre elas a de Saviani, por exemplo, no livro *Filosofando*) como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta. Iniciamos indagando a turma sobre o que é Filosofia e ouvindo os mais variados conceitos, tentando diferenciar o pensamento filosófico do conhecimento comum, pois apesar de haver muita inteligência no senso comum, às vezes ele é carregado de preconceitos. Por meio da aprendizagem cultural, passada por gerações, explicitando sobre a dúvida, o estranhamento e o questionamento das ações, pensar sobre algo, como a vida, os valores, o ser humano, a justiça. Então, para a Filosofia perguntar é um ato importante. Porém, ela deve ser propositiva, o essencial deve ser buscar as respostas e, para isso, precisamos aprofundar os questionamentos de forma racional.

Deixamos claro que não há um consenso sobre o que realmente é a Filosofia. Há várias concepções, cada filósofo considera uma ou outra, porém a conceituação de Dermeval Saviani se aproxima muito do que realmente é o filosofar. Com a apresentação da disciplina, dos conceitos de Filosofia, extraídos pelos alunos em diversas fontes, fundamentada no conceito de uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto, buscávamos sempre um diálogo entre os alunos sobre o tema. A exposição foi realizada com *slides* e interações dos discentes. O conhecimento básico, dito popular, atende as necessidades imediatas, porém sempre superficial. O

conhecimento científico se baseia em método, porém o conhecimento filosófico, segundo o professor Saviani, possui três características: a) primeiro, ser radical, o que não significa ser intransigente, mas significa buscar a origem das questões; b) a segunda característica é a rigorosidade, ela precisa ter fundamentos bem justificados, bem acabados do ponto de vista da lógica; c) em terceiro lugar se caracteriza pela totalidade, os problemas não devem ser analisados isoladamente e sim pelo conjunto de todos os fatores, que se relacionam entre si.

A discussão nesse primeiro momento foi curta, tomando o tempo de duas aulas seguidas. Tentamos construir o entendimento de que filosofar é um constante questionar, de forma racional, porém buscando a raiz de cada problema. O filosofar é a busca de respostas que se aprofundam, a discussão crítica. Não basta ser uma reflexão, ela é uma parte do método filosófico, porém os problemas, as questões e os argumentos geram os conceitos. Há filósofos que afirmam que a Filosofia cria conceitos, sendo assim, vai além da crítica, pois é entender e se posicionar diante dessa crítica. Está aberto à dúvida, à admiração e ao espanto, algo que nos leva sempre ao diálogo.

Momento 2

Na segunda semana pudemos destacar o capítulo do livro didático referido, que falava sobre o método socrático como a arte de perguntar, baseado na dialética socrática-platônica, dialética, que tem sua origem grega e significa “arte da discussão”, também apresentada em slides. Ela apresenta dois momentos importantes: ironia e maiêutica. Ironia cujo sentido grego seria a interrogação fingindo ignorância. Para Sócrates, a primeira virtude do sábio é adquirir consciência da própria ignorância. Na segunda etapa do diálogo após a libertação do orgulho de achar que conhece a verdade sobre as coisas, o interlocutor entraria num processo de tomada de consciência e de reflexão de ideias novas. Ao perguntar o objetivo, as pessoas conseguiam compreender que não sabiam tudo, o que ele chamou de “maiêutica”.

Sócrates, filho de parteira, se inspirou no ofício de sua mãe para essa analogia de dar à luz a ideias, maiêutica, sendo originalmente a arte de ajudar a dar à luz (obstetrícia), no diálogo dar à luz a ideias, conceitos. Para o filósofo, ninguém é capaz de ensinar algo ao outro, somente a própria pessoa pode tomar consciência, trazer à tona as ideias; dessa forma se atinge o conhecimento. Assim como no parto, a parteira

só pode ajudar o nascimento, mas para isso a pessoa que vai dar à luz precisa estar grávida, porém de ideias no contexto socrático. Praticar o método socrático demanda certo conhecimento, uma sabedoria que nem todos possuímos. Podemos fazer uma adaptação de acordo com o repertório cultural e intelectual, mas longe de atingir a excelência que o mestre praticava. Ele tem sua eficácia quando questionamos, fazemos refletir sobre as respostas dadas.

Momento 3

Formamos uma roda de conversa onde os alunos tiveram acesso a cópias de um diálogo platônico entre Sócrates e Eutítron, fazendo a leitura compartilhada, identificando neles a ironia e a maiêutica presente nos diálogos, observando a forma de questionamento utilizado pelo filósofo para levar seu interlocutor a refletir sobre suas convicções e a cada questionamento perceber os equívocos em sua postura, reconhecer que podemos errar, que as verdades não são absolutas, que podem existir outras visões sobre o mesmo assunto. Enquanto Eutítron estava convencido que conhecia muito sobre a vontade dos deuses e por isso acusava de homicida o próprio pai, no tribunal, o diálogo se dá em torno do que seria justo e nisso os dois concordam no fato do que seria moralmente correto, diante de Deus, aquilo que eles consideram agradável e ímpio e o que os deuses não se agradam. Por meio dessa atividade tentamos levar a percepção de que a atitude do sábio é ter consciência da própria ignorância, para se abrir a novas ideias. Ao final do encontro foi solicitado para o próximo momento: pesquisar em manchetes de jornal, memes, letras de músicas, trechos de poemas etc. nas quais apareçam perguntas.

Momento 4

Iniciamos esse encontro com a entrega das pesquisas. Nem todos os alunos trouxeram e foi dado um tempo para que pesquisassem, utilizando a internet da escola. Quando as pesquisas foram concluídas, juntamos a turma para discutir sobre os achados. Numa roda de conversa, ouvimos os temas dessas perguntas, encontradas em músicas, manchetes e poemas enfatizando se eram perguntas filosóficas ou não – algumas se eram relacionadas a problemas existenciais de interesse dos estudantes, em sua maioria músicas que eles curtem e conhecem.

Cada um falava o motivo da escolha; algumas eram comuns, outras se relacionavam ao meio social. Colocamos num painel da sala e discutimos as diferenças entre perguntas filosóficas e perguntas comuns, mostrando um exemplo de pergunta filosófica. Os estudantes demonstraram que as perguntas que demandam maior reflexão e que não têm a pretensão de uma resposta pronta e acabada seriam as perguntas filosóficas. Ao final, foi solicitado aos estudantes um exercício para casa: “dizendo sua própria palavra”, elaborar por escrito e de modo individual ou em dupla uma pergunta, numa perspectiva filosófica, com mínimo de três linhas a partir da expectativa deles, de temáticas ligadas à existência, de contexto pessoal-biográfico e cultural.

Exemplos de perguntas, encontrados por eles:

Manchetes	Poemas	Letra de música
1. "Onde estão os recursos para a saúde pública?"	1. "Onde estás, amor, que não respondes?" - "Soneto de Fidelidade", Vinícius de Moraes	1. "Quem é você, quem é você, que não sai do meu pensamento?" - "Quem é você", Detonautas
2. "Por que tantas pessoas estão desempregadas?"	2. "Quem me dera, ao menos, uma vez, que o mais simples fosse visto como o mais importante" - "Simples Assim", Belchior	2. "Por que se foi, por que acabou, por que partiu?" - "Por que", Sorriso Maroto
3. "Quem são os responsáveis pelo desmatamento na Amazônia?"	3. "Quem me dera ser o musgo do tronco que apodrece, a folha que voa, o raio que fende a treva!" - "O Guardador de Rebanhos", Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)	3. "Por que você não me responde mais, me dê um sinal" - "Por que você não me responde mais", Planta e Raiz
4. "Como podemos combater a violência urbana?"	4. "Por que Deus permite/ Que as mães vão-se embora?" - "A Mãe",	4. "O que é que a gente não faz por amor?" - "O que é que a gente não faz por amor", Luan Santana
5. "Quando será a próxima vacinação em massa contra a COVID-19?"		

	<p>Carlos Drummond de Andrade</p> <p>5."Quem me dera, quando a sombra descesse / E a noite viesse, / Encontrar-te a sorrir, como eu te vi." - "Quem me dera", Florbela Espanca</p>	
--	--	--

Analisando as questões, os próprios alunos foram identificando as características das perguntas e dividindo-as, ficando esclarecido que as manchetes tinham perguntas comuns, pois estão relacionadas a problemas sociais, políticos e de saúde que afetam a sociedade como um todo. A abordagem filosófica poderia surgir ao discutir as causas profundas desses problemas e possíveis soluções baseadas em princípios éticos e morais.

Enquanto que as perguntas das músicas como: Quem me dera ao menos uma vez, que o mais simples fosse visto como o mais importante; pode ser considerada filosófica, pois envolve reflexão sobre valores, prioridades e a busca por simplicidade e essência em meio a um mundo cada vez mais complexo e cheio de distrações. Ela nos convida a pensar sobre o que realmente importa na vida e a valorizar o que é essencial e fundamental, em contraposição ao que é superficial e supérfluo. Assim como a pergunta presente no poema de Drummond: Por que Deus permite/ Que as mães vão-se embora? essa pergunta pode ser considerada filosófica, pois aborda questões existenciais e metafísicas relacionadas à ideia de Deus, ao sofrimento humano e à perda. Ela pode suscitar reflexões sobre a natureza da divindade, o papel do sofrimento na vida das pessoas, a existência do mal e a fé em meio às adversidades. A poesia de Carlos Drummond de Andrade frequentemente aborda temas profundos e existenciais, convidando os leitores a refletir sobre questões essenciais da existência humana.

Percebemos a compreensão dos estudantes nessa análise, momento gratificante.

Momento 5

Esse seria o momento final da intervenção. Combinamos a entrega e a análise das perguntas filosóficas solicitadas culminando com um lanche coletivo e, posteriormente, a exposição de um mural na escola com as atividades trazidas. Antes da entrega, ouvimos a clássica música de Lulu Santos, *Como uma onda no mar*, momento reflexivo e motivacional. Ao receber as atividades, fui verificando que a alguns não trouxeram questões elaboradas com as especificidades que foram solicitadas, elaborar um enunciado com três linhas ou mais, porém a se enquadravam em questões existenciais, em sua maioria filosóficas. Eram questões mais pontuais, algumas se enquadravam na descrição de filosóficas com viés existencial e fizemos uma pauta de análise de todas as duplas. Os próprios estudantes foram deduzindo as respostas, interagindo nas falas dos colegas e identificando a intencionalidade filosófica nas questões.

“Qual é o sentido da vida?”

“Existe um propósito ou uma razão para a existência do universo?”

“O que é a verdade e como podemos conhecê-la?”

“O que é a consciência e qual é a sua relação com o cérebro?”

“Existe livre-arbítrio ou somos determinados por forças além do nosso controle?”

“O que é a moral e de onde derivam os nossos princípios éticos?”

“Qual é a natureza do bem e do mal?”

“O que é a justiça e como podemos alcançá-la na sociedade?”

“Como podemos alcançar a felicidade e o bem-estar genuínos? “

Tendo a Hermenêutica filosófica como teoria na prática a experiência que buscou desenvolver o conhecimento utilizando o diálogo, porém houve uma mesclagem entre o diálogo vivo e as aulas expositivas com muitos questionamentos, dos quais as respostas encontradas através da reflexão pessoal e a busca de fontes diversas e confiáveis, muitos apontamentos para posteriores pesquisas foram encaminhadas, longe de fazer igual ao mestre Sócrates, mas numa tentativa de refletir sobre toda a ignorância presente nas opiniões que eram apresentadas sobre determinados assunto, extraindo o entendimento e compreendendo os conceitos.

Hans-Georg Gadamer interpreta os diálogos de Sócrates como uma forma de diálogo filosófico que visa alcançar a compreensão mútua entre os participantes. Para

Gadamer, Sócrates utiliza o diálogo como um método para explorar questões filosóficas de forma colaborativa, buscando a verdade através do questionamento e da reflexão conjunta.

Gadamer destaca que, para Sócrates, o diálogo não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas sim uma prática de investigação filosófica que envolve a interação entre os participantes, levando em consideração suas perspectivas e experiências individuais. Ele enfatiza a importância do diálogo como um processo dialético, no qual as ideias são constantemente confrontadas e revisadas, resultando em uma compreensão mais profunda e abrangente das questões discutidas.

Além disso, Gadamer ressalta que os diálogos de Sócrates são caracterizados pela abertura ao questionamento e pela disposição de mudar de opinião à luz de novos argumentos e perspectivas. Para ele, a prática do diálogo socrático representa um modelo de pensamento crítico e reflexivo que continua relevante até os dias de hoje, incentivando a busca pela verdade e pela compreensão mútua através do diálogo e da argumentação racional.

Os diálogos socráticos são uma série de textos escritos por Platão que retratam as conversas filosóficas entre Sócrates e seus interlocutores. Nesses diálogos, Sócrates utiliza o método da maiêutica, que consiste em fazer perguntas para levar os interlocutores a refletir sobre suas próprias crenças e chegar a uma maior compreensão das questões discutidas.

São caracterizados pela busca da verdade, pela investigação das virtudes e pelo questionamento das opiniões estabelecidas. Sócrates frequentemente desafia as ideias preconcebidas de seus interlocutores, levando-os a questionar suas próprias crenças e a repensar suas concepções sobre temas como a justiça, a coragem, a sabedoria e a virtude.

Esses diálogos são fundamentais para a filosofia ocidental, pois representam uma das primeiras manifestações do pensamento filosófico sistemático e crítico. Eles também influenciaram profundamente o desenvolvimento da filosofia ao longo da história, inspirando filósofos posteriores a adotar métodos semelhantes de investigação e diálogo para a busca da verdade e do conhecimento.

A ironia que se utiliza nos diálogos socráticos deixou claro para o aluno que a curiosidade sobre o assunto, a reflexão sobre as próprias certezas faz com que as pessoas desconstruam suas opiniões em relação a todas as respostas que elas mesmas possuem superficialmente. Algo que acreditem ter profundidade, que a

maiêutica, como nome derivado de parteira, traz à luz, ou seja, um esclarecimento de ideias, pois mais importante que chegar à verdade das coisas é ter novas versões e visões do mundo e da realidade. É fundamental o aprendizado sobre esse método. Sócrates utilizou o diálogo para chegar à verdade, sem jamais apresentar respostas prontas, levando as pessoas a descobrirem a verdade que já possuía, partejando ideias, conduzindo o interlocutor a partir de vários questionamentos. Foi debatendo assuntos pertinentes à existência, ideias que surgiram como frutos de reflexão e questionamentos que levaram os estudantes ao caminho do saber por meio do diálogo.

O conhecimento filosófico que demonstrava ser algo complexo e sem objetividade se caracterizou por seu objeto de estudo, que seriam os problemas da realidade, criando formas de compreensão, de pensar valores, aprendendo a questionar melhor e fazer perguntas melhores. A essência da elaboração de perguntas não somente seria uma atividade crítica, mas o posicionamento diante da vida e dos problemas da realidade, ou seja, aprender a filosofar, questionar o mundo ao seu redor, desconfiando de respostas dadas, buscando aprofundamento. Acreditamos que a essência do projeto foi contemplada. O trabalho poderia ter sido mais produtivo se houvesse continuidade, porém para o tempo que foi proposto, trouxe um significativo aprendizado.

No atual cenário educacional, com a implantação do Novo Ensino Médio, percebemos que se perde um pouco do filosófico nessa nova distribuição da carga horária destinada à formação geral. Cada vez menos possibilidades de abordagem temáticas próprias da Filosofia são colocadas em situações de sala de aula. Temos abertura para usufruirmos dos itinerários formativos para aprofundamento da base. A questão, no entanto, é o caráter interdisciplinar que pode levar a Filosofia a se dispersar diante das demais áreas do conhecimento.

A rede estadual de Alagoas possui um documento orientador para o ensino médio. Há pouco foi promulgada sua versão final, o Referencial Curricular de Alagoas (RECAL). Nele os educadores devem basear o planejamento à luz da BNCC e nele encontramos espaço para mantermos um trabalho mais parecido com o lecionar tradicional, sem deixar de lado a interdisciplinaridade:

[...] mesmo o saber estando organizado por área de conhecimento como propõe o novo formato de Ensino Médio definido pela Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 pela BNCC13, devemos garantir

determinado nível de aprendizado sobre métodos, abordagens e objetos de pesquisa específicos de cada uma das quatro ciências da Área de Humanas. Compreendemos que a interdisciplinaridade demanda a existência de disciplinas e o diálogo entre elas, e, portanto, é por esse viés que devemos construir novos formatos de aula que irão ao encontro da proposta interdisciplinar do Novo Ensino Médio (RECAL, 2022, p. 242).

O RECAL traz essa preocupação em não descaracterizar as disciplinas, incluindo as orientações da BNCC, com a pedagogia das competências. Cabe aos professores fazer um paralelo entre o que é específico da sua cadeira e o que se pode interligar com as demais ciências. Assim nos tornamos filósofos, considerando que o filósofo não é o detentor do saber cuja raiz histórica retoma ao conceito de um amante do saber. Mas é aquele que vai atrás do conhecimento, por meio da racionalidade, do questionar e aprofundar as questões. No documento também se encontra um aval para o projeto desenvolvido nesta pesquisa, o que intuitivamente foi contemplado diante da necessidade de praticar uma filosofia menos abstrata e mais significativa para os estudantes, posto em RECAL (2022, p. 248):

Um dos métodos mais frutíferos de ensinar a filosofar é a partir da pergunta filosófica. Esta pressupõe, de acordo com Silveira (2011) uma espécie de “sei que nada sei” de Sócrates, como ponto de partida para a descoberta do saber. O professor e a professora devem ser os mediadores com os/as estudantes para que eles possam dialogar com essa perspectiva de reconhecer a própria ignorância, buscando superá-la e aprimorar seu jeito de pensar.

Ensinar Filosofia no atual cenário é desafiador, porém temos todo um aparato legislativo que podemos adaptar e a luz da BNCC e do Novo Ensino Médio significa seguir as diretrizes curriculares presentes na Base Nacional Comum Curricular e adequar o ensino da disciplina às novas exigências e propostas educacionais. Isso envolve promover uma abordagem interdisciplinar, contextualizada e crítica, estimulando o pensamento reflexivo, a argumentação e a formação de cidadãos mais conscientes e participativos na sociedade. Além disso, é importante valorizar a diversidade de pensamentos e pontos de vista, incentivando o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa pudemos compreender a relação do ensino de Filosofia como forma de interpretação da realidade, possibilitando a retomada do diálogo e da reflexão da educação, bem como sua intrínseca relação entre verdade e formação humana. A crítica explicitada aos métodos científicos, ao positivismo, em contrapartida de uma hermenêutica tradicional com o paradigma hermenêutico de Gadamer, nos leva a acreditar que esse é o caminho mais viável para a formação humana e o protagonismo estudantil, tão discutido no âmbito educacional.

Experienciar que há vários meios de se chegar à verdade, que ela não é absoluta e que temos o diálogo como aliado dessa constatação, por sermos seres inacabados, a compreensão sobre nós, o mundo e o outro deve perpassar pela linguagem, ou seja, pelo contato com o outro. Falar em educação sem falar em diálogo nega as mais variadas tentativas do grande mestre Paulo Freire de tornar a educação o lugar da palavra, de humanização e de se manter próximo e inclusivo.

Estando aberto às descobertas, o conhecimento passa a existir a partir da compreensão, que acontece por meio da interação dialógica entre os envolvidos. Na perspectiva educador e educando, reside a maior experiência pedagógica do diálogo, que é a base principal para a construção do conhecimento. Não é na relação do sujeito solitário com o objeto que se baseia o conhecimento, mas numa esfera comunicativa dos seres.

Refletir sobre a importância do diálogo para a compreensão, investigar o quanto está escassa em nossa sociedade a capacidade para ele, devido às grandes transformações das relações atuais, à enxurrada de informações diárias, tendo como objeto de estudo a Hermenêutica filosófica de Gadamer, assim como Freire e Cerletti, num contraponto entre dialogar, escuta e filosofar a partir de um contexto de ensino de Filosofia no ensino médio, nos trouxe alguns benefícios enquanto pesquisadora, colocando em prática algo proveniente da confrontação de ideias, que poderiam ser objetiváveis, porém proporcionou autocrítica sobre a prática docente, a postura dos educadores nas instituições, sobrecarregados de métodos objetiváveis, porém repensar a postura metodológica, exercitar a escuta como propõe Freire é possível para se efetivar a educação e o próprio filosofar. Dialogizar as relações entre educador e educando. São reflexões que nos proporcionaram algumas respostas e outras tantas indagações.

Em Gadamer está posta a necessidade de as Ciências Modernas recuperarem a ética dialética de Platão, com os diálogos socráticos. Assim sendo, com a conversação centrada na autonomia do sujeito, colocando o saber como algo construído, a verdade se constrói no movimento e na articulação entre os pares.

A valorização do ouvido remete a uma tradição que vem de longa data. Quero mencionar apenas três exemplos. Primeiro: a auto revelação de Jahvé diante de Moisés, no Velho testamento...dá-se por meio do diálogo...segundo o oráculo de Delphi na Grécia, comunica sua mensagem dos deuses pela fala, sem deixar traços que assegurem a verdade do conteúdo. Terceiro: Terésias, o vidente cego no mito de Édipo, expressão sua própria pessoa a primazia da língua falad como recurso da articulação da verdade (Flickinger, 2012, p. 2).

Como dessa forma não há verdades estanques e absolutas, é a partir do diálogo vivo que se encontra a verdade. Esta nasce das visões de mundo trazidas por cada um, do confronto de ideias e das perguntas que são feitas ao longo do diálogo. O processo de socialização vai forçando a legitimação das opiniões, aí se configura o significado da Hermenêutica filosófica, que encontra no filósofo Sócrates e em sua postura maiêutica um modelo por excelência para se chegar à razão.

Não é tarefa fácil seguir esses passos, pois eles vão na contramão das exigências mercadológicas da educação atual. Formar mão de obra para o mercado de trabalho, o esforço de desenvolver o pensamento crítico, a formação humana e o autoconhecimento, requer do educador e da educadora uma análise e prática bem diferentes, com análises complexas, em que as percepções mudam à medida que acontece o processo de educar. Já prevista em Gadamer (1989), citado por Bertineti, Brum e Oliveira (2023), essa forma de interpretação não se dá de forma simples e livre de conflitos. Desenvolve-se diante de dificuldades, pois toda interpretação está à mercê de arbitrariedades, análises precipitadas, opiniões prévias e preconceitos.

No entanto, educar numa perspectiva hermenêutica oportuniza a centralidade do diálogo e da reflexão, onde a compreensão exige uma abertura ao outro e a diversas visões de mundo para se chegar à apropriação do conhecimento, tornando a escola um espaço democrático e crítico de formação humana.

A importância de saber ouvir para ensinar está relacionada à necessidade de compreender as experiências, ideias e sentimentos dos alunos. O educador que sabe ouvir consegue estabelecer uma comunicação mais eficaz e empática com seus alunos, o que facilita a transmissão do conhecimento e a construção do aprendizado de forma mais significativa. Além disso, a escuta ativa permite ao educador identificar

as dificuldades e necessidades dos alunos, adaptando sua abordagem para atender de forma mais adequada às demandas individuais de cada um. Dessa forma, a escuta atenta e empática se torna essencial no processo de ensino, contribuindo para uma educação mais inclusiva, participativa e transformadora.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. RECAL. Referencial curricular da educação básica da rede estadual de ensino de Alagoas: Secretaria de Estado de Educação e Esportes – SEE. Maceió, 2022.

BERTINETI, Elizane Pegoraro; BRUM, Mara; OLIVEIRA, Neiva Afonso.

Hermenêutica e educação: um diálogo com a realidade. 2023, p. 1-18. Disponível em:

file:///C:/Users/DELL/Downloads/HERMENEUTICA_E_EDUCACAO_Um_Dialogo_com_a.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. Ciências Humanas e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133p.

(Orientações Curriculares para o Ensino Médio, v. 3).

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.

CRUZ, Raimundo José Barros. Hermenêutica e educação: o sentido gadameriano de diálogo ressignificando as relações pedagógica, **Revista Espaço Acadêmico**, nº 112, 2010.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pedagogia filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.

FIORI, E. Aprendendo a dizer sua palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Autores Associados, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Tradução de Flávio P. Meurer. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**: complementos e índice. 6. ed. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Revisão de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de Filosofia:** um debate, muitas vozes. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MATOS, Junot Cornélio. **Dialogação:** Filosofia da educação. Curitiba: CRV, 2015.

ROHDEN, Luiz. **Interfaces da hermenêutica.** Caxias do Sul, EDUCS, 2008.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica:** a teoria da experiência hermenêutica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 4. ed. Revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ANEXO A Intervenção de mestrado profissional em Filosofia

A Filosofia como reflexão

- ▶ Vimos que etimologicamente a palavra *filosofia* significa busca do conhecimento verdadeiro, ou seja, *busca da verdade*.
- ▶ A forma pela qual a filosofia realiza essa busca da verdade é por meio da reflexão.
- ▶ Mas o que é refletir?

verdade

Slide utilizado para apresentado na Aula expositiva sobre várias definições de filosofia (dentre elas a de Saviani, por exemplo, no livro *Filosofando*) como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta.

A Filosofia como reflexão

- ▶ Como nos lembra o professor Dermeval Saviani (1986: 20): "**Se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão**". O pensamento é um ato corriqueiro, singelo, espontâneo, que realizamos descompromissadamente a todo instante, até mesmo sem perceber.

Sócrates.pdf 5 / 10 47%

MÉTODO SOCRÁTICO

IRONIA
Confunde o interlocutor sobre o conhecimento que este acredita possuir sobre as coisas, promovendo o processo de reflexão assistida.

MAIÊUTICA
Auxilia o interlocutor na reconstrução de seu entendimento do mundo, buscando o conhecimento verdadeiro, a correta interpretação e ação sobre a realidade.
Ato de dar luz às ideias.
Objetivo do método: encontrar definições universais e necessárias (a essência) para as coisas.



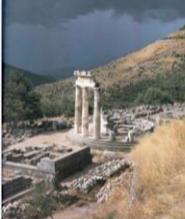

Ativa o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Slide Sócrates e o método Socrático: Ironia e Maiêutica referente ao capítulo do livro didático que falava sobre o método dialógico, ou método socrático com a arte de perguntar, baseado na dialética socrática-platônica, dialética, que tem sua origem grega e significa *arte da discussão*, que apresenta dois momentos importantes, ironia e maiêutica.

Sócrates.pdf 8 / 10 47%

Sócrates, o homem mais sábio de toda a Grécia:





“Só sei que nada sei”
Acesse Configurações para ativar o Windows.



ESTADO DE ALAGOAS SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Escola Estadual Padre Francisco Correia
Intervenção: Mestrado ProF Filo
Santana do Ipanema-AL

Dálogo socrático: trecho de *Górgias sofista*

Sócrates: Vejo, pelas poucas palavras que Polus proferiu, que ele se preocupou mais com a arte chamada retórica do que com a dialética.

Polus: O que o faz dizer isso, Sócrates?

Sócrates: Porque, Polus, quando Chaerephon lhe perguntou qual era a arte que Górgias conhece, você a elogiou como se estivesse respondendo a alguém que encontrou um defeito nela, mas nunca disse o que era essa arte.

Polus: Ora, eu não disse que era a mais nobre das artes?

Sócrates: Sim, é verdade, mas essa não foi a resposta à pergunta: ninguém perguntou qual era a qualidade, mas qual era a natureza da arte e com que nome deveríamos descrever Górgias. E eu ainda imploraria de forma breve e clara, como você respondeu Chaerephon quando ele pediu a você no início, para dizer o que é esta arte, e como devemos chamar de Górgias: Ou melhor, Górgias, deixe-me voltar para você e perguntar a mesma pergunta, como devemos chamá-lo, e qual é a arte que você professa?

Górgias: Retórica, Sócrates, é minha arte.

Sócrates: Então devo chamá-lo de retórico?

Górgias: Sim, Sócrates, e um bom sujeito também, se você me chamar assim que, em linguagem homérica, "me orgulho de ser".

Sócrates: Eu gostaria de fazer isso.

Gorgias: Então, ore, faça.

Sócrates: E devemos dizer que você é capaz de fazer outros homens retóricos?

Górgias: Sim, é exatamente isso que eu professo fazer, não só em Atenas, mas em todos os lugares.

Sócrates: E você vai continuar a fazer e responder às perguntas, Górgias, como estamos fazendo agora e reservar para outra ocasião o modo de falar mais longo que Polus estava tentando? Você manterá sua promessa e responderá em breve às perguntas que lhe são feitas?

Górgias: Algumas respostas, Sócrates, são necessariamente mais longas; mas farei o meu melhor para torná-los o mais curtos possível; pois uma parte da minha profissão é poder ser tão baixo quanto qualquer um.

Sócrates: Então a retórica não trata de todos os tipos de discurso?

Gorgias: Certamente que não.

Sócrates: No entanto, a retórica torna os homens capazes de falar?

Gorgias: Sim.

Sócrates: E para compreender aquilo de que falam?

Gorgias: Claro ...

Sócrates: Venha, então, e deixe-nos ver o que realmente queremos dizer sobre retórica; pois não sei qual é o meu próprio significado ainda. Quando a assembléia se reunir para eleger um médico, um armador ou qualquer outro artesão, o retórico será consultado? Certamente não. Pois em cada eleição deve ser escolhido aquele que é mais hábil; e, novamente, quando paredes têm que ser construídas ou portos ou docas a serem construídos, não o retórico, mas o mestre operário aconselhará; ou quando for preciso escolher generais e arranjar uma ordem de batalha, ou tomar uma proposição, então os militares aconselharão e não os retóricos: o que me diz, Górgias? Já que você professa ser um retórico e um criador de retóricos, não posso fazer melhor do que aprender a natureza de sua arte com você. E aqui, deixe-me

assegurar-lhe que tenho o seu interesse em vista, assim como o meu. E, portanto, quando você for interrogado por mim, gostaria que você imaginasse que é interrogado por eles. "De que adianta vir até você, Górgias?" eles vão dizer. "Sobre o que você vai nos ensinar a aconselhar o estado? - sobre o justo e o injusto apenas, ou sobre aquelas outras coisas que Sócrates acabou de mencionar?" Como você vai respondê-las?

Górgias: Gosto da sua maneira de nos conduzir, Sócrates, e tentarei revelar-lhe toda a natureza da retórica.

Texto apresentado para compreensão do método Socrático, onde se apresenta a ironia e maiêutica presente nos diálogos do autor.

TEXTOS/REFERÊNCIAS

O que é filosofia?

Na tentativa de formular uma resposta genérica que abarque o conceito de Filosofia em geral, faremos uma incursão perigosa, pois ela pode tender para um determinado ponto de vista. Por não haver um consenso do que seja a **Filosofia** e de como a Filosofia deve operar, muitos pensadores desenvolveram **teses diferentes** acerca da atividade filosófica.

A **Filosofia** é uma **área do conhecimento** que coloca em questão o próprio conhecimento. Os filósofos, desde a Antiguidade, tentaram entender o mundo e tudo o que há nele, seja concreto, seja abstrato, de maneira **conceitual**. Perguntando pelas **essências das coisas**, por meio da pergunta “o que é?”, passaram a formular definições complexas e envoltas em problemas, que resultaram em um movimento de constante problematização e formulação de novas questões que rodeia as perguntas “como é?”, “por que é?”, “em que situações se aplica?”, etc.

Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmaram que “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos”ⁱ. Isso indica, em primeira mão, que a **Filosofia é um trabalho de criação e também de recriação, renovação e atualização dos conceitos**. O filósofo, na ótica dos pensadores contemporâneos citados, deve trabalhar com um “plano de imanência”, que seria um plano conceitual no qual ele pode pegar os conceitos criados por filósofos anteriores e recriá-los, atualizá-los, moldá-los novamente, criando um pensamento novo. Nessa perspectiva, a Filosofia passa a criar novos significados para o mundo, sempre transformando a si mesma e ao meio, na medida em que permite que o pensamento nunca cesse a sua marcha.

A **professora Marilena Chaui**, da Universidade de São Paulo (USP), escreveu em seu livro *Convite à Filosofia*ⁱⁱ que esse saber tem a missão de duvidar das crenças costumeiras. Isso significa colocar em questão o **senso comum**. A Filosofia seria, para Chaui, aquele movimento que **Sócrates** iniciou na Antiguidade de olhar para dentro de si (“**conhece-te a ti mesmo**” são as palavras entalhadas no templo dedicado a Apolo em Atenas que tanto marcaram a trajetória de Sócrates), para então tentar entender o mundo e a verdade. Esse movimento seria percebido apenas em **momentos de crise**, quando a pessoa **sai de sua zona de conforto** e percebe a existência de uma realidade muito maior do que a que ela julgava existir.

A palavra filosofia A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: philo e sophia. Philo deriva-se de philia, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. Sophia quer dizer sabedoria e dela vem a palavra sophos, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber. Já para o educador Dermeval Saviani define-a: “Com efeito, se a filosofia é realmente uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta, entretanto, ela não é qualquer tipo de reflexão. Para que uma reflexão possa ser adjetivada de filosófica, é preciso que se satisfaça uma série de exigências que vou resumir em apenas três requisitos:

ser radical, o rigorosa e global.. Quero dizer, em suma, que a reflexão filosófica, para ser tal, deve ser radical, rigorosa e de conjunto. Radical: Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade. Rigorosa: Em segundo lugar e como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, sistematicamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensejar. De conjunto: Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É neste ponto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante. Com efeito, ao contrário da ciência, a filosofia não tem objeto determinado, ela dirige-se a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problemático; seu campo de ação é o problema, esteja onde estiver. Melhor dizendo, seu campo de ação é o problema enquanto não se sabe ainda onde ele está.

Atividade

Após ler os textos indicados e a exposição de slides disponibilizados:
1-Faça uma definição de filosofia:

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2000. COELHO, Teixeira.

SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 29-33.



Um debate enriquecedor durante a intervenção do mestrado de filosofia.



Imagem que reflete muita gratidão pelo momento e oportunidade de reflexão



Espaço sala de aula onde ocorreu a nossa culminância da intervenção.